

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Lucelene Ferreira Barbin

O *viver* na família contemporânea: certezas, inquietações e possibilidades.

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Lucelene Ferreira Barbin

O *viver* na família contemporânea: certezas, inquietações e possibilidades.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Doutora Rosa Maria Stefanini de Macedo

São Paulo

2015

BANCA EXAMINADORA

*Este retrato de família
está um tanto empoeirado.
Já não se vê no rosto do pai
quanto dinheiro ele ganhou.*

*Nas mãos dos tios não se percebem
as viagens que ambos fizeram.
A avó ficou lisa, amarela,
sem memórias da monarquia.*

*Os meninos, como estão mudados.
O rosto de Pedro é tranquilo,
usou os melhores sonhos.
E João não é mais mentiroso.*

*O jardim tornou-se fantástico.
As flores são placas cinzentas.
E a areia, sob pés extintos,
é um oceano de névoa.*

*No semicírculo das cadeiras
nota-se um certo movimento.
As crianças trocam de lugar,
mas sem barulho: é um retrato.*

*Vinte anos é um grande tempo.
Modela qualquer imagem.
Se uma figura vai murchando,
outra, sorrindo, se propõe.*

*Esses estranhos assentados,
meus parentes? Não acredito.
São visitas se divertindo
numa sala que se abre pouco.*

*Ficaram traços de família
perdidos no jeito dos corpos.
Bastante para sugerir
que um corpo é cheio se surpresas.*

*A moldura deste retrato
em vão prende seus personagens.
Estão ali voluntariamente,
saberiam – se preciso – voar.*

*Podariam subtilizar-se
no claro-escuro do salão,
ir morar no fundo dos móveis
ou no bolso de velhos coletes.*

*A casa tem muitas gavetas
e papéis, escadas compridas.
Quem sabe a malícia das coisas,
quando a matéria se aborrece?*

*O retrato não me responde,
Ele me fita e se contempla
nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam*

*Os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se foram
dos que restaram. Percebo apenas
a estranha idéia de família*

viajando através da carne.

Carlos Drummond de Andrade,

Retrato de Família

(A Rosa do Povo)

Aos meus pais, José (In Memoriam) e Elza; com vocês eu aprendi o valor da família, do amor e da gratidão.

Aos meus sogros, Orlando (In Memoriam) e Carolina (In Memoriam); vocês foram, o tempo todo, a extensão dos meus pais.

Ao meu filho Fernando, “é em nossas longas conversas, no silêncio das noites, que escuto a minha própria voz”; o meu mais profundo obrigado!

E, finalmente, ao meu marido Osmar (In Memoriam); como o amor é indizível, só consigo dizer... “muita saudade”.

Agradecimentos

Chego nestes dias com o coração tocado de alegria e gratidão. Este trabalho representa, para mim, não apenas uma abertura para novas compreensões acerca dos meus conhecimentos como pesquisadora e profissional, mas também, acima de tudo, uma elevação, em termos pessoais e de humanidade.

A todos que compartilharam de alguma forma comigo, nesta minha jornada de conhecimento, muito obrigada.

A minha irmã Mara, e meu cunhado Norberto, pelo seu carinho e bondade; a minha irmã Mércia, pelo exemplo de perseverança.

A meus sobrinhos Eduardo, Junior, Cynthia e Renata. Vocês são muito especiais.

À Professora Rosa M. S. de Macedo, minha orientadora, a qual, mais do que os saberes acadêmicos, também me ensinou, com seu exemplo, os saberes da vida – sem você eu não teria conseguido –, o meu eternamente obrigado.

A Professora Ceneide de O. Cerveny, por ser uma grande mestra em minha trajetória.

Ao Professor Dênio W. Cunha, pelo incentivo nos caminhos da pesquisa.

A Professora Silvia Ancona-Lopez por despertar em mim capacidades realizadoras.

As minhas amigas de jornada, Maria Ivone Marchi Costa e Rachel Lilienfeld, por todo o carinho e companheirismo.

Aos professores da PUC-SP (Programa de Pós-Graduação e Especialização), os quais jamais esquecerei, e a banca.

A CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

E aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade e confiança em compartilhar suas histórias de vida e de suas famílias, transformando a pesquisa em realidade.

O viver na família contemporânea: certezas, inquietações e possibilidades

RESUMO

Em pouco tempo, o formato do mundo radicalmente se transformou com a chegada da globalização e com tudo o que, ineditamente, ela colocou à disposição do homem – tecnologia, bens, serviços, entre outros. Nosso trabalho consiste em estudar a família neste contexto Pós-Moderno, em que as verdades e as certezas se relativizaram dando lugar a dúvidas e incertezas, segundo os teóricos que a descrevem. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa sob a perspectiva da concepção sistêmica novo paradigmática do ponto de vista da construção da realidade como referencial teórico, por meio de entrevistas semi-estruturadas com casais, para que pudessem narrar com voz própria como é ser família e viver em família neste contexto. A análise das narrativas deu origem às seguintes categorias temáticas: “A Representação do Sentido e Significado de Família”; “Valores”; “Rituais”; “Aspectos da Contemporaneidade que Dificultam as Relações na Família Atual”. Constatamos que as transformações resultantes das mudanças paradigmáticas que ensejaram o que chamamos de Pós-Modernidade também afetaram a família tradicional, que se mantém sob múltiplas configurações, assentada, sobretudo, no sentido de família baseado no afeto que envolve seus membros. Além disso, foi possível constatar que uma das principais ocorrências para a manutenção da existência da família é a prática de rituais familiares, momentos em que sobrevém aos membros do sistema familiar um sentido de pertencimento e união em relação à família como um todo. Se a afetividade é a base da formação da família, os rituais são a argamassa que a mantém unida. Um ponto importante constatado em relação aos rituais é o caráter de intencionalidade que torna possível sua realização.

Palavras-Chave: Família. Intencionalidade. Rituais. Afetividade. Pós-Modernidade.

Life in contemporary family: certainties, concerns and possibilities

ABSTRACT

Before long, the world's format was radically transformed by the arrival of globalization and all of what, unprecedentedly, was put at man's disposal – technology, goods, service, among others. This is precisely a study about the family in this Postmodern context, where truths and certainties were relativized giving rise to doubts and uncertainties, according to the theorists that describe it. Therefore, we conducted a qualitative research from the perspective of the new paradigmatic systemic conception, whose point of view is the construction of the reality as a theoretical framework, through a semi-structured interview with couples who formed families that effectively live contemporary realities, so that they could narrate with their own voice how it is do be a family and to live as a family in this context. The analysis of the narratives led to the following thematic categories: "The Representation of Family's Sense and Meaning"; "Values"; "Rituals"; "Contemporary Aspects that Complicate the Relations in the Current Family". It was found that the resulting transformation of paradigmatic changes that gave rise to what we call Postmodernity also affected the traditional family, which remains under multiple configurations, settled mainly in the sense of family based on affection involving its members. Furthermore, it was also established that one of the main points of maintenance for the existence of the family is the practice of family rituals, moments in which comes to members of the family set a sense of belonging and unity in relation to the family as a whole. If affection is the basis of family formation, rituals are the glue that holds it together. An important point noted in relation to the rituals is the intentionality that makes possible its realization.

Keywords: Family. Intentionality. Rituals. Affection. Postmodernity.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	18
AS MUDANÇAS PARADIGMÁTICAS NAS CIÊNCIAS COMO CENÁRIO PARA A COMPREENSÃO DA FAMÍLIA	18
CAPÍTULO 2	25
A GLOBALIZAÇÃO, O INDIVÍDUO E A FAMÍLIA NO CONTEXTO SOCIAL	25
CAPÍTULO 3	32
A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA	32
3.1 Significado de família e afeto	37
CAPÍTULO 4	43
A FAMÍLIA INTENCIONAL E OS RITUAIS FAMILIARES	43
CAPÍTULO 5	51
MÉTODO.....	51
5.1 Participantes.....	53
5.2 Instrumento	54
5.3 Procedimento	54
CAPÍTULO 6	56
ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56
6.1 Resultados da Pesquisa.....	57
6.2 Compreensão dos Resultados	95
6.2.1 Do ponto de vista das categorias temáticas	95
6.2.2 Do ponto de vista de um diálogo entre teorias	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
APÊNDICES.....	120
APÊNDICE 1	121
APÊNDICE 2.....	123
APÊNDICE 3.....	126

INTRODUÇÃO

O cenário Pós-Moderno se apresenta como aquele em que a máxima problematização talvez se expresse na busca do indivíduo pela própria identidade; uma busca, porém, que dificilmente se apresenta como problematização de um sentido ontológico para a vida humana (GIDDENS, 1991).

Dentro disso, e após alguns anos de trabalho na clínica psicológica atendendo famílias, bem como de minha especialização em terapia familiar e de casal a partir de um enfoque sistêmico, tenho me deparado com relatos que contam sobre angústias relacionadas à vida em família. Mais especificamente, há notadamente uma tensão no que diz respeito ao sentido geral que a própria família pode conferir a si mesma, tanto quanto há expectativas particulares no que toca a determinações interiores da própria família, sejam vicissitudes cotidianas, sejam escolhas, menores ou maiores a serem tomadas e que invariavelmente afetarão a família em sua unidade sistêmica.

A este ponto, e considerando alguns aspectos que foi possível observar a partir de minha prática clínica, pude notar a existência de incertezas e inquietações que permeiam a família contemporânea quanto às suas próprias diretrizes: se de um lado eleva-se uma abertura de possibilidades inédita na história universal da família, de outro, esta ausência de referências a que se possa agarrar-se angustia, na medida em que obriga a família à ousadia da intervenção em si mesma para determinar o sentido de si mesma.

Por se tratar de um assunto que envolve em demasia a subjetividade humana, tornou-se para mim um desafio abordar, neste aspecto, os relacionamentos familiares entre seus membros, particularmente no que se refere às escolhas e opções feitas pelos pais, principais responsáveis pela concepção conferida à sua respectiva família.

A despeito da subjetividade humana e da problemática dicotomia entre razão e emoção, a Pós-Modernidade encaminhou a questão da seguinte maneira: ao invés de polarizar a discussão defendendo uma ou outra instância, hoje se preconiza uma interpretação holística dos conceitos, isto é, o ser humano deve ser considerado como o ponto de convergência entre razão e emoção.

[...] ao declarar-nos seres racionais, vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. (MATURANA, 1997, p. 15).

O nascimento implica, de maneira automática, a participação do indivíduo no mundo como ser social, o que traz imediatamente para o seu viver todo um contexto histórico-cultural. A partir disso, sua identidade será construída na medida em que se socialize (BOARINI, 2003). Esta herança social é inescapável, de modo que nos encontramos, assim que nascemos, dentro de um sistema familiar e social em pleno funcionamento, com sua língua, regras, hábitos, laços, valores e tradições.

Indubitavelmente, o homem necessita de seu semelhante – de seu outro – mais do que qualquer animal em que possamos pensar. Esta dependência do homem se alonga, se estende por alguns anos de sua vida, até que ele assimile aspectos suficientes que lhe permitam, ao menos, alguma autonomia funcional. Entretanto, a afetividade permanecerá inerente em sua condição.

É o modo de vida hominídeo que torna possível a linguagem, e é o amor como a emoção que constitui o espaço de ações em que se dá o modo de viver hominídeo, a emoção central na história evolutiva que nos dá origem. (MATURANA, 1988, p. 105).

Sobreviver é muito pouco para o homem: mais do que isso, seu próprio gênero – humano – impõe que ele passe do estágio rudimentar de sobrevivência ao estágio pleno de vivência, dentro, evidentemente, dos contornos antropológicos de seu contexto específico. Em outras palavras: o homem, sendo um ser social, será compelido a buscar a sua completude, o que o torna imediatamente dependente de seus semelhantes – e responsável por eles.

A família constitui um recurso para a pessoa, nos mais diversos aspectos de sua existência, estando presente como uma realidade simbólica que proporciona experiências no nível psicológico e social, bem como orientações éticas e culturais. (MORANDÉ, 1994; BRONFENBRENNER, 1996 apud PETRINI, 2003, p. 77).

Nela encontram-se os elementos fundamentais da identidade simbólica do indivíduo enquanto ser humano que o diferenciam de um indivíduo animal. No espaço da vida familiar, verificam-se experiências humanas básicas que duram o tempo todo, independentemente da vontade das pessoas envolvidas, tais como, a paternidade, a maternidade, a filiação, a fraternidade, a relação entre as gerações e seu impacto na descoberta do nexos com a geração da vida e com a realidade da morte (PETRINI, 2003, p.77).

Ao entrar no mundo, inevitavelmente o homem vivencia o encontro entre seu próprio desenvolvimento, o desenvolvimento do grupo social a que pertence e as formas sociais típicas da sociedade em que está inserido. Entretanto, este encontro

pode ocorrer mediante uma infinidade de possibilidades, o que será definido sempre pelo respectivo momento sócio histórico, isto é, pelas circunstâncias então atuais da vida humana. É preciso, assim, recorrer também ao estudo do quadro histórico para entender um tema particular como o do presente trabalho.

Hoje em dia, principalmente em Ciências Humanas, as pessoas estão preocupadas em refazer possibilidades que permitam elaborar um diagnóstico, uma maneira de ver as coisas de forma mais contemporânea. Ou seja, há uma tentativa de refazer os métodos de análises pelos quais tentamos dar sentido ou compreender processos e acontecimentos da sociedade contemporânea. (MARCATTI, 1991, p. 1)

Nosso trabalho, dentro desta tendência segundo a qual se busca uma perspectiva de reflexão *mais contemporânea* – mais adequada à realidade atual, portanto –, procura entender a figura da família em suas determinações mais fundamentais, o que significa buscar tal entendimento sempre a partir do ponto de vista da própria família.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender a família tal como ela se encontra frente às mudanças que vêm ocorrendo na Pós-Modernidade; como se percebe diante deste contexto transformador da vida e dinâmica humana, nos mais diversos âmbitos, dentre eles, tradição e valores.

Dentro disso, os objetivos específicos de nosso trabalho foram entender como, efetivamente, a família realiza suas necessidades, expectativas e idealizações; que estratégias utilizam; como sua vivência na família de origem contribui para a construção do significado da família atual; se há uma intencionalidade no interior da família voltada para sua existência e manutenção: entenda-se intencionalidade no sentido de uma *intenção específica e deliberada* pela qual a família possa autodeterminar-se a si mesma – uma *intenção em ser família e em viver em família*.

Para isso, realizaremos um trabalho situado no entrecruzamento de teoria e prática – a figura da família refletida a partir da realidade teoricamente descrita e de sua dinâmica interna em contato com tal realidade. No que se refere ao eixo fundamentalmente teórico de nosso trabalho, desenvolveremos os capítulos na ordem adiante mencionada.

Dedicaremos o primeiro capítulo, *“As Mudanças Paradigmáticas nas Ciências como Cenário para a Compreensão da Família”*, para trabalhar tematicamente uma questão científica de nossos dias. Este eixo teórico não possui a pretensão de se

aprofundar nas questões epistemológicas. Decidimos colocá-lo para que o leitor se aproprie, de certa maneira, do escopo geral da pesquisa. Isto pressupõe dois estudos interligados, a saber, o estudo do significado conceitual do que venha a ser *Pós-Moderno* e o estudo de novos paradigmas epistemológicos da ciência.

Em seguida, desenvolveremos um segundo capítulo, *“A Globalização, o Indivíduo e a Família no Contexto Social”*, onde trabalharemos um pano de fundo sociológico fundamental para compor tematicamente a realidade atual. A sociologia é a via para a reflexão da realidade sob uma perspectiva mais geral de mundo e de contexto social, sendo pelo viés sociológico que podemos compreender com mais precisão os contornos do atual quadro histórico que integramos e do percurso vivido pela sociedade até o ponto em que se encontra.

Nesse sentido, justificamos a escolha da fundamentação teórica sociológica na medida em que ela é capaz de fornecer uma macro descrição da sociedade em relação às suas próprias vicissitudes e idiosincrasias: a influência da tecnologia na vida do gênero humano, a socialização mediante a realidade virtual, a família no contexto do capitalismo industrial, entre outros. Diante disto, optamos por compor este pano de fundo de nosso texto a partir da efetivação de um diálogo entre os sociólogos Zigmunt Bauman, Anthony Giddens, dentre outros, como forma de refletir sobre o atual estado da realidade em que vivemos.

Desenvolveremos um terceiro capítulo, *“A Família Contemporânea”*, onde apontaremos primeiramente dados de pesquisa realizada por Cervený e Berthoud coletados a respeito de alguns aspectos e características das famílias brasileiras da atualidade. Este capítulo será de modo geral um elemento norteador de nosso trabalho, um capítulo pelo qual possamos de certa forma ilustrar, em termos objetivos, a família efetivamente envolta no processo de globalização (conforme o capítulo anterior); poderemos, com isso, obter ao menos algum vislumbre de aspectos que se transformaram e de aspectos que se mantiveram no seio da família atual, tendo em vista a chegada da Pós-Modernidade.

Ainda dentro deste capítulo, e como um desdobramento natural de seu tema, desenvolveremos um subitem denominado *“Significado de família e afeto”*, onde faremos a exposição de algumas idéias da fundamentação teórica de Minuchin e de Maturana. Enquanto Minuchin entende a família de maneira hierárquica, Maturana compreende a família como entidade cuja existência situa-se mesmo na paixão natural inerente à condição humana, paixão que faz com que as pessoas queiram

estar juntas. Assim, neste capítulo serão então tratados primeiramente características objetivas da família levantadas a partir de pesquisa e, em seguida, uma possibilidade de entendimento teórico que não recorre propriamente à realidade extrínseca da família para analisá-la, mas antes, recorre ao seu próprio interior para entendê-la e significá-la.

Este estudo pretende compreender como são vividas as questões Pós-Modernas no âmago da família. Será central em nosso estudo, portanto, o conceito de William J. Doherty de *intencionalidade*, conceito que se refere à *intenção em ser família e em viver em família* (DOHERTY, 2002). Isto porque, para além do viés sociológico, nosso trabalho também problematizará o aspecto intrafamiliar, a vida no interior da dinâmica que a figura da família hoje assume em seu relacionamento com a realidade inescapável do mundo.

Mas o conceito de intencionalidade de Doherty encontra sua fundamentação na prática de rituais familiares, de modo que inevitavelmente desenvolveremos também o assunto da ritualidade. Por isso, realizaremos também um capítulo denominado “*A Família Intencional e os Rituais Familiares*”, onde estudaremos o conceito de *intencionalidade* de Doherty conjuntamente com os estudos atuais de Rosalina Costa sobre a prática de rituais familiares. Precisamos de paradigmas de análise que nos permitam uma reflexão de caráter micro, que penetre efetivamente nesta vida dentro da própria família. Os escritos de William J. Doherty e Rosalina Costa se dirigem precisamente a este propósito, e nos permitirão conceber a família no interior de uma sociedade que tem sua própria maneira de existir, o que deve influenciar significativamente a unidade familiar. Se mudou a sociedade, se as relações são mais líquidas, o que acontece no íntimo da família e como isso é entendido e significado por ela?

Em nossa proposta de dissertação, desenvolveremos também um eixo fundamentalmente prático, onde realizaremos uma pesquisa qualitativa que nos servirá como base de apoio e confrontação com o eixo teórico anteriormente descrito. O escopo de nosso texto é efetivar uma sobreposição entre dados da pesquisa realizada e dados teóricos, a partir do que, pretendemos estabelecer uma relação entre teoria e prática.

Vale dizer, existem discursos teóricos que, ao descreverem a contemporaneidade por determinadas especificidades, entendem a família como um produto inequívoco de tal realidade, isto é, como um produto que está sujeito às

mesmas transformações desta realidade e, como tal, recebe sua conformação a partir dela. Considerando o conjunto familiar como uma entidade bastante singular no que diz respeito ao seu modo de existência em relação com o mundo extrínseco, o que faremos é dar voz a estas famílias para que elas mesmas nos relatem um pouco de suas verdades.

Realizaremos, portanto, um percurso do sentido mais geral ao mais particular, a cada eixo temático, iremos conformando a questão proposta, diminuindo – porém especificando – seu escopo, até chegarmos propriamente à esfera da intencionalidade na família.

CAPÍTULO 1

AS MUDANÇAS PARADIGMÁTICAS NAS CIÊNCIAS COMO CENÁRIO PARA A COMPREENSÃO DA FAMÍLIA

(...)

*olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,*

*essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular
que nem concebes mais, pois tão esquivo*

*se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.*

(...)

Carlos Drummond de Andrade,

Máquina do Mundo

(Claro Enigma)

Neste capítulo, recuperaremos brevemente o conceito de *ciência* inicialmente concebido pelo homem, para demarcar em linhas gerais o seu percurso até os nossos dias. Em seguida, abordaremos a ruptura paradigmática que houve em sua epistemologia, na transição da Idade Moderna para a Pós-Moderna, ruptura que ensejou o recorte epistemológico com que trabalharemos em nosso texto para apreender a *família* em alguns de seus aspectos. Assim, pretendemos deixar claro, com esse capítulo, em que bases a noção de conhecimento científico foi pensada inicialmente, e em que bases ela hoje se assenta. Portanto, este capítulo nos é fundamental para delinear o ponto de vista por meio do qual realizaremos todo o nosso trabalho.

Embora presente já na Antiguidade Clássica de maneira peculiar, o quadro de fundação do conceito de ciência remonta principalmente ao período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, o chamado período renascentista. Na ocasião, o modelo clássico de ciência foi estabelecido e forneceu as diretrizes dos séculos que se seguiram, séculos determinantes no que se refere ao grau de expressão e de centralidade que a ciência adquiriria perante o homem.

Na ocasião, o conceito de ciência foi pensado como a pretensão rigorosa de produzir conhecimento em cima de fundamentos definitivos, de modo que não houvesse a possibilidade do equívoco a respeito de qualquer resultado obtido. O conhecimento assim concebido, portanto, imediatamente relacionou-se de maneira íntima com o ideal de verdade, ou melhor, com a possibilidade real deste ideal de verdade. Cabia à ciência o desvelamento da verdade em-si do mundo, o que significa que a verdade era independente da dimensão interior de cada indivíduo e de seu respectivo ponto de vista sobre as coisas.

Diante disso, criou-se uma racionalidade em princípio isenta de toda valoração subjetiva ou mesmo ideológica, isto é, a razão que conduziria à verdade era a encarnação da neutralidade aplicada ao método científico. Isso naturalmente desobrigou a ciência de considerar o elemento sensível inerente à condição humana, deixando em segundo plano as impressões e os sentidos característicos da singularidade de cada indivíduo, porque esta última dimensão era patentemente contingente. O que importava então era estabelecer leis verdadeiramente naturais para a existência humana e para sua história em detrimento da esfera da sensibilidade individual, que nada podia explicar de propriamente *verdadeiro*.

A ciência foi concebida com ares de um tipo específico de objetividade: objetividade como a capacidade de suplantar a ilusão humana dos sentidos que geralmente conduz a uma diversidade ampla de juízos e opiniões. O ato de conhecer não poderia consistir na expressão do próprio julgamento sobre determinada coisa a partir de um ponto de vista singular, mas apenas na expressão de *como esta coisa é em si mesma*, ou seja: afirmava-se a existência *da verdade* (uma só, inequívoca) e afirmava-se a ciência como sua fonte produtora.

Passados alguns séculos do estabelecimento da ciência nos termos acima expostos, a humanidade olhou para si mesma e se julgou suficientemente madura para apreender o mundo em sua inteira completude, revelando seus mistérios com leis descobertas *cientificamente*. Foi nesse período, conhecido como *século das luzes* ou simplesmente *iluminismo*, que a racionalidade depurada de todo subjetivismo atingiu seu ápice expressivo. Por meio de uma objetividade plenamente capaz de lidar com as mais altas complexidades da realidade, a ciência definitivamente entrava na história para fazer história: produzindo um conhecimento encarnado de *verdade*, a ciência passou a explicar o mundo por meio de grandes discursos designados como *metanarrativos* (ou *metarrelatos*) (LYOTARD, 2013).

Um discurso metanarrativo é, fundamentalmente, um discurso científico que leva ao extremo o ideal da verdade em seus resultados e com isso produz um conhecimento essencialmente totalizante. Por *totalizante*, entende-se uma categoria de conhecimento horizontal que inclui o gênero humano globalmente, e que realiza essa inclusão a despeito ou até mesmo em detrimento de cada indivíduo considerado isoladamente (LYOTARD, 2013).

Nesse sentido, um discurso metanarrativo funciona como uma universalização de categorias de conhecimento que manifestem a verdade, isto é, ela encontra uma perspectiva cognoscitiva que possa ser partilhada por todos os indivíduos pelo movimento duplo de transcendência e supressão das respectivas individualidades. É com tal pretensão de objetividade, portanto, que se deixava em segundo plano as impressões e sentimentos do indivíduo que vivia sua própria história, e assim se buscava o estabelecimento de categorias universais de conhecimento através de uma linguagem única de signos para todos os fenômenos.

O principal sempre foi buscar a verdade, não a verdade individual (esta sequer verdade era), porém a verdade única, válida para todos: a verdade do mundo, por assim dizer (LYOTARD, 2013).

Entretanto, esta perspectiva de ciência mudaria diametralmente com a chegada da Pós-Modernidade. O paradigma de *verdade* deixou de estar no mundo e passou a ser considerado dentro de cada indivíduo, a partir de cada singularidade.

No campo das práticas de convivência, a aceitação do diferente bem como do semelhante, implica a construção de significados compartilhados de aceitação de múltiplos códigos e mundos, num reconhecimento da sua heterogeneidade e legitimidade. (GRANDESSO, 2008, p. 8).

Diante do exposto, *heterogeneidade e legitimidade* são palavras que estão na ordem do dia. A ciência tem tentado, de um modo geral, produzir discursos científicos adequados a elas, o que a torna produtora de discursos locais, fonte de micronarrativas cuja verdade se dá apenas em relação a seu contexto específico. Nesse sentido, em Lyotard (2013) temos que a Pós-Modernidade caracteriza-se justamente pela descrença nessas metanarrativas relacionadas à metafísica e à universalidade e legitimadas pelo progresso científico. A grande narrativa, portanto, se transforma em um simples universo linguístico pragmático cuja interatividade discursiva permite infinitas possibilidades, cada qual atingindo sua verdade específica e relativa:

[...] considera-se 'pós-moderna' a incredulidade em relação aos 'metarrelatos'. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. (LYOTARD, 2013, p. XVI).

Em oposição às metanarrativas relativas ao gênero humano, portanto, surgem na ciência as micronarrativas (narrativas locais) que produzem sua verdade a partir da interatividade de elementos em seu próprio universo, de forma autônoma em relação à totalidade do gênero humano. A ciência na Pós-Modernidade acentuou famílias, grupos e indivíduos em seus aspectos idiossincráticos, invalidando, assim, categorias universalizantes de conhecimento (GRANDESSO, 2008)

Hoje nos deparamos com novos formatos de informação, principalmente face às perspectivas que a ciência e a tecnologia abrem à intervenção nos mistérios da vida. O saber tem seu código alterado ao mesmo tempo em que a sociedade efetua a passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade (LYOTARD, 2013).

Problematizar o presente, em vez de chegar a conclusões definitivas sobre ele, é o jeito com o qual a contemporaneidade entendeu que se deve fazer ciência.

Isto nos faz pensar em como a construção dos relacionamentos ocorre no interior da família na atualidade, e de que maneira uma série de questões contemporâneas torna-se parte das experiências e significações atribuídas à família por seus próprios membros (GRANDESSO, 2008).

Dentro disso, a Teoria Geral dos Sistemas, da obra do biólogo Ludwig Von Bertalanffy, muito colaborou ao possibilitar novas compreensões a respeito da ciência Pós-Moderna, na medida em que a incrementou com a noção complexa de um universo que se inter-relaciona indefinidamente. Fenômenos das mais diversas ordens estão mais ligados entre si do que imaginamos, o que tem dado ensejo para epistemologias científicas que se pautam pela interdisciplinaridade, em oposição à ciência clássica, que tentou a todo custo separar o objeto do sujeito cognoscente. A corroborar com isto:

[...] Essa postura que afirma não poder separar o objeto do conhecimento do sujeito que conhece assume o conhecer como um ato de construção da realidade na acepção de descrevê-la e dar-lhe um sentido. O observador faz parte do observado na medida em que seleciona subjetivamente aspectos da realidade que nomeia, criando um espaço entre o explicar e o compreender que passa pelas suas próprias experiências, sua vivência, seu contexto, a cultura a que pertence (MACEDO, 2008, p. 168).

A partir desta perspectiva, temos que a produção do significado deve ser viabilizada por um processo dialógico. Nesse sentido, a significação será sempre co-construída mutuamente a partir deste relacionamento intersubjetivo, o que altera o estatuto do resultado final: deixa-se de lado o discurso generalizante (metarrelato) em favor do discurso situado e aberto que se traduz em incompletude, estando suscetível a ser revisado (MACEDO, 2008).

A Pós-Modernidade traz à tona a necessidade de compreensão e de valorização do sujeito que experiencia ou experimenta sua vida, ator da própria história. Não se trata mais da apropriação de um mundo decididamente *objetivo*, mas da imersão em signos sociais na linguagem, na comunicação e nos valores humanos. Para dizer o mesmo de outro modo, é na interação discursiva que se situam as verdades de nosso tempo, o que pressupõe uma abertura de sentidos e de significados que surge em detrimento de uma verdade empírica, típica da modernidade (GERGEN, 1997).

Assim, a consciência Pós-Moderna caracteriza-se por uma vasta gama de signos sociais e linguísticos que projetam e oferecem realidades. O indivíduo que

efetivamente habita o mundo, que nele vive, é o único capaz de conhecer e reconhecer este mundo, mundo que só pode ser descrito pelo indivíduo que dirige seu olhar a ele sob as lentes da singularidade. Este olhar, próprio a cada ser, forma-se a partir das condições sócio-históricas concretas dos sistemas de significação. Nos dizeres de Gergen (1997), trata-se de um campo de valores intrínsecos das diversidades que traz, necessariamente, uma reflexividade singular, no sentido de que o próprio sujeito construa sua crítica por meio de um processo comunicativo.

Vale dizer, a criatividade e o conhecimento do indivíduo não são produzidos apenas em sua mente individual; suas descrições do mundo resultam também da composição humana acerca de processos de negociação e de produção de significação no contexto social (GERGEN, 1997).

Como será possível estabelecer noções a partir de processos contingentes em que as coisas não *são* propriamente, mas *estão*? O indivíduo está cercado por diversidades de saberes e de pontos de vista; há possibilidades infindáveis, há insegurança, incerteza, improbabilidade: há um indivíduo submetido a múltiplos olhares, a construções e desconstruções constantes.

Viver o mundo, viver no mundo, descrevê-lo, significá-lo, enfim, é esta abertura de possibilidades o fundamento das famílias e indivíduos Pós-Modernos, possibilidades que se lhes apresentam para que, de fato, *estejam no e habitem o mundo*, e nele ajam socialmente. É também pelo estudo, portanto, deste contexto contemporâneo, em todas as suas particularidades, que pretendemos pensar a figura da família em suas determinações constitutivas. Para tanto, iniciaremos nosso estudo propriamente dito pelo viés macro do processo de globalização dentro do qual a família acabou sendo historicamente inserida.

CAPÍTULO 2

A GLOBALIZAÇÃO, O INDIVÍDUO E A FAMÍLIA NO CONTEXTO SOCIAL

*Os conselheiros angustiados
ante o colo ebúrneo
das donzelas opulentas
que ao piano abemolavam
“bus-co a cam-pi-na se-re-na
pa-ra li-vre sus-pi-rar”,
esqueciam a guerra do Paraguai,
o enfado bolorento de São Cristóvão,
a dor cada vez mais forte dos negros
e sorvendo mecânicos
uma pitada de rapé,
sonhavam a futura libertação dos instintos
e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus de
[Copacabana com rádio e telefone automático.*

Carlos Drummond de Andrade,

Tristeza do Império

(Sentimento do Mundo)

Com o advento da globalização, o mundo experimentou um processo inédito de transformações – tecnológicas, econômicas, sociais, políticas, culturais – que começou a ocorrer a uma velocidade inimaginável. Este processo foi responsável por uma ruptura na história humana, ruptura que desembocou em uma nova ordem global pouco compreendida pelo próprio homem, que apesar disso, tem sentido na pele os seus efeitos. Para Giddens (2000) a globalização não é apenas um fenômeno novo, mas é também um fenômeno revolucionário de tal modo que pouco ainda se sabe a respeito de suas reais implicações para a vida humana.

Em que pese os mais variados e complexos aspectos da vida humana que sofreram e têm sofrido transformações decorrentes deste processo de globalização, podemos dizer que a esfera social tem sido, sem dúvida, uma das principais áreas de mudança, na medida em que tem canalizado e absorvido o processo em todos os seus aspectos.

Para se ter uma ideia, com as transformações que o avanço tecnológico operou, houve uma absoluta mudança de paradigmas quanto às concepções de espaço e de tempo: enquanto nas sociedades pré-modernas tempo e espaço coincidiam, o desenvolvimento tecnológico do homem realizou uma operação de desvinculação entre ambos, o que foi possível graças ao advento da realidade virtual e periféricos que abrandaram a necessidade da presença física e efetiva nas mais diversas circunstâncias da vida (GIDDENS, 2000).

Considerando-se que “Toda a vida social ocorre em – e é constituída por – interseções de presença e ausência no ‘escoamento’ do tempo e na ‘transformação gradual’ do espaço” (GIDDENS, 2013, p. 155), essas aludidas mudanças levadas a cabo pelo processo tecnológico no interior da globalização representaram assim uma deterioração dos espaços locais, na medida em que estes espaços deixaram de fazer sentido para os indivíduos e se tornaram mesmo estranhos a esses indivíduos, que começaram a se identificar com uma outra forma de espaço (BAUMAN, 1999).

O elemento tecnológico é, assim, um elemento que dá forma à realidade. A tecnicização e a tecnologização ensejam, para o indivíduo, um mundo socialmente estático e apriorístico, diante do qual esvazia-se o viés ontológico para dar lugar a uma vacuidade inédita na história do homem.

Essas e outras mudanças têm sido objeto de severas análises. De algum tempo para cá, têm sido recorrentes teorias que tentam compreender em detalhe as

transformações sociais que decorreram da globalização. São teorias que compreendem a realidade contemporânea sob os paradigmas da incerteza e da insegurança. Essas teorias em geral trazem teses que descrevem o universo atual a partir de uma indefinição generalizada nos mais diversos campos da vida, e assim discorrem sobre algumas características que dizem ser tipicamente contemporâneos, como a “desinstitucionalização”, a “individualização” e o “risco” (conceitos estudados por sociólogos).

Para autores como Giddens e Bauman, representantes dessas teorias a que nos referimos, o cenário contemporâneo está profundamente marcado por um esgotamento de modelos sociais historicamente institucionalizados – entre os quais, o modelo de família tradicional estabelecido na modernidade. Ao esgotamento de modelos sociais corresponderia, conseqüentemente, uma ausência constitutiva verificada no indivíduo, de tal modo que não restaria ao indivíduo senão viver em função de si mesmo – o que, no limite, significa tornar-se individualista (SINGLY, 2000).

Essas teorias partem de uma posição explicativa da contemporaneidade que preconiza uma dificuldade cada vez maior na criação e manutenção de vínculos duradouros nas relações entre as pessoas. Em função de uma realidade cujos padrões normativos de conduta social tendem ao desaparecimento e, em seu lugar, não surgem outros padrões, mas apenas um bombardeio ininterrupto de informações novas que se coloca diante do indivíduo, o indivíduo se vê envolvido em um campo de abertura para uma multiplicidade de possibilidades relativas à sua existência.

Por um lado, sem dúvida essa abertura representa liberdade para a singularidade do indivíduo, na medida em que, a princípio, minimizam-se as chances de que haja um conflito entre a expressão desta singularidade e um padrão normativo estabelecido. Por outro, porém, o fato de esgotarem-se os modelos de conduta social e muitos de seus padrões normativos pode levar o indivíduo a um estado de desestabilização desorientadora.

De acordo com tais teorias, a família talvez esteja ameaçada no contexto deste cenário disruptivo, na medida em que a sociedade atual consiste na “incerteza em relação ao futuro, fragilidade da posição social e insegurança existencial” (BAUMAN, 2004, p. 132).

Para Bauman (2004) são dados patentes a liquefação dos padrões sociais tradicionais, a decadência das instituições, a fragilidade dos novos modelos no mundo atual e até mesmo os referenciais que as novas tecnologias imprimem na sociedade.

Nesse sentido, é pela constatação de que a realidade atual pode ser explicada sob os signos da fluidez, da liquidez, da instabilidade e da fragilidade, que se estende a explicação para afirmar que pode haver alguma dificuldade na preservação da instituição familiar. Fica evidente, portanto, que as teorias que isso afirmam, fundamentam seu prognóstico nos traços característicos – inescapáveis – da realidade que descrevem.

Uma vez, porém, que consideram tal realidade como um momento social e histórico marcado por aspectos como a influência determinante da tecnologia, o surgimento de relacionamentos descartáveis e o consumo crescente de bens e serviços, entre outros, nem seria de se esperar que tais teorias postulassem algo diverso disso.

Para onde quer que olhemos, vemos instituições que, de fora, parecem as mesmas de sempre, e exibem os mesmos nomes, mas que por dentro se tornaram muito diferentes. Continuamos a falar da noção da família, do trabalho, da tradição, da natureza, como se todos continuassem iguais ao que foram no passado. Não continuam. A casca permanece, mas por dentro mudaram. (GIDDENS, 2000, p. 28).

O casamento e a família sofrem com tantas mudanças e reconfigurações que fazem do mundo uma realidade de elevado risco: “Risco corresponde a infortúnios ativamente avaliados em relação a possibilidades futuras” (GIDDENS, 2000, p. 33). Com efeito, o cenário Pós-Moderno é destituído de sentido e de significado no que diz respeito às antigas certezas socialmente estabelecidas. A partir disso, o que se vê é um quadro marcado essencialmente pela relativização de seus conteúdos e de suas verdades.

De fato, há duas ou três gerações no passado, o matrimônio representava o estabelecimento de uma instituição social tradicional baseada nos costumes; hoje, porém, o casamento perdeu seu papel institucional de outrora e o campo de incertezas que lhe dizem respeito é vasto a ponto de necessitar de normas jurídicas bem desenvolvidas para sua estruturação (GIDDENS, 2000).

As pessoas que estão vivendo na contemporaneidade são verdadeiras pioneiras em suas vidas, pois pode-se dizer que, no geral, precisam estabelecer as

diretrizes de seus destinos a partir do zero, sem qualquer substrato anterior bem delimitado. Essas pessoas terão que enfrentar futuros pessoais muito mais abertos e inconstantes do que no passado (GIDDENS, 2000).

É preciso, portanto, situar a família no epicentro da Pós-Modernidade para estudá-la a contento; o que é problemático, pois não há propriamente um epicentro Pós-Moderno. Com isso, queremos dizer que a Pós-Modernidade é uma realidade fragmentária, de dispersão. Para Giddens (2000), hoje, em praticamente todas as localidades do mundo se desenrolam debates sobre questões que afetam, direta ou indiretamente, a família: debates sobre questões de igualdade sexual, sobre a regulação da sexualidade, sobre o destino da família.

A sexualidade, o relacionamento, o casamento e a família são aspectos sociais diretamente atrelados às transformações que têm ocorrido em nível global, e o debate ocidental a esse respeito tem se mostrado com alguma polêmica, porque a família ainda é vista como um local de disputa entre tradição e modernidade, com certa nostalgia em torno de seu passado (GIDDENS, 2000).

É também um dado contundente da realidade atual o fato de que as prioridades voltam-se cada vez mais para os interesses pessoais do indivíduo no que se refere à sua satisfação, felicidade e prazeres próprios. A racionalidade contemporânea faz ponderar o que vale a pena no envolvimento, no sentido de se garantir que as relações de compromisso não ultrapassem o tempo suficiente, causando assim indesejados apegos afetivos (BAUMAN, 2004).

Diante disso, observamos a fragilidade dos laços humanos, bem como a recorrência de sentimentos de abandono e insegurança no homem atual. Particularmente na questão do relacionamento, há uma ambivalência de sentimentos: há o desejo de se relacionar, mas há também o pavor de ter a própria liberdade cerceada ou tolhida. Neste aspecto, os relacionamentos humanos tornam-se rasos e incipientes; banaliza-se o termo amor na mesma proporção em que o outro se torna um objeto de consumo (BAUMAN, 2004).

Desta forma, o termo “desejo” não é adequado para caracterizar as relações atuais, pois significa uma conquista e uma constância. Mais adequados são as expressões “impulso” e “satisfação instantânea”, que traduzem melhor a instantaneidade da emoção e a excitação ao não residirem no amor que está sendo vivido, mas na expectativa do amor que virá na sequência. Nossa sociedade não criou uma arte erótica, mas uma ciência sexual, o que se confirma na medida em

que se verifica a separação entre reprodução e relacionamento sexual. (BAUMAN, 2004).

Em relação à noção tradicional de casamento duradouro como fator social, eleva-se um modelo de relacionamento diferente, para o qual a relação pode ter fim a qualquer momento, por qualquer um dos parceiros, de forma mais ou menos leve (BAUMAN, 2004). Para o autor, o vínculo de compromisso é pressuposto para a duração de um relacionamento, vínculo que, no entanto, tem sofrido um processo de banalização.

Se “os compromissos são irrelevantes” quando as relações deixam de ser honestas e parece improvável que se sustentem, as pessoas se inclinam a substituir as parcerias pelas redes. (...) Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade (BAUMAN, 2004, p. 8).

É preciso, pois, compreender a família no mundo da Pós-Modernidade. Para Bauman (1998), [...]a incerteza de que sofro é o resultado da potência humana, e é da potência humana que eu preciso para me guiar na estrada da certeza” (p. 220).

CAPÍTULO 3

A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

*Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.*

*A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.*

*A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palitonos dentes contentes,
o gramofone rouco toda a noite
e a mulher que trata de tudo.*

*O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.*

Carlos Drummond de Andrade,

Família

(Poesia e Prosa)

Sem dúvida, é preciso refletir a respeito da família e de suas prioridades em relação ao processo de globalização e as transformações dele decorridas; mas é de qualquer forma possível vislumbrar algumas respostas com base em aspectos familiares que se mantiveram e aspectos familiares que se modificaram a partir do contexto exposto no capítulo anterior.

Pesquisas recentes mostram alguns aspectos interessantes sobre a família brasileira contemporânea, aspectos que queremos considerar aqui como um elemento norteador para nosso trabalho. Em verdade, durante muito tempo a família ficou de certa forma esquecida no meio acadêmico; entretanto, essa situação se inverteu e, recentemente, temos visto proliferar, no mundo todo, centros de estudo sobre a família (PETRINI, 2003).

Por um lado, um ponto em comum na grande maioria desses estudos consiste na verificação de que a família parece reagir a condicionamentos extrínsecos a ela – transformações socioculturais, éticas, religiosas, políticas – e se adaptar, encontrando novas formas de estruturação (PETRINI, 2003). Por outro, tem sido recorrente a opinião acerca da crise da família como resultado da generalizada aceitação social do divórcio, do declínio da instituição do casamento e da baixa taxa de fecundidade – como, por exemplo, o controle da natalidade e inserção da mulher no mercado de trabalho (SINGLY, 2011).

As tensões que atravessam as famílias contemporâneas são, então, múltiplas. Tanto podem levar, como atualmente, a um equilíbrio instável, é certo (perceptível, nomeadamente, pela frequência da separação), como à criação e novas versões da vida privada, características de uma terceira modernidade. (SINGLY 2011, p.133)

Nesse sentido, o estudo da família tem sido de certa forma paradoxal, pois tanto se fala no enfraquecimento paulatino e irremediável da família quanto se fala no surgimento de novos modelos familiares caracterizados por transformações nas relações entre os sexos e as gerações. De qualquer maneira, podemos apontar uma primeira mudança no formato da família, que se refere, na verdade, a uma flexibilização do modelo familiar: o modelo institucional de família típico da modernidade foi relativizado, e hoje há formas inéditas de família como o casal tradicional heterossexual, o casal homoafetivo, o casal reconstituído, a monoparentalidade, a união estável, dentro outros. (CERVENY, 2009).

Na sociedade contemporânea, a família é considerada um valor ideal que a maioria da população cultiva. No entanto, nestas últimas décadas, a família passa por grandes mudanças, que a tornam particularmente vulnerável. Estão mudando o modo de entender e o modo de viver o amor e a sexualidade, a fecundidade e a procriação, o vínculo familiar, a paternidade e a maternidade, o relacionamento entre o homem e a mulher. (PETRINI, 2003, p. 60).

Em pesquisa realizada por Cervený e Berthoud (2009), algumas características da família contemporânea brasileira foram levantadas. Com relação à *estrutura familiar*, as autoras constataram que não sofreram alterações significativas os seguintes aspectos da família: (I) a religião dominante católica; (II) o casamento como forte instituição familiar; (III) o marido como provedor da família; e (IV) a mulher como responsável pelas tarefas domésticas.

Por sua vez, as autoras constataram alteração no que se refere a aspectos relacionados à mulher, que conquistou níveis escolares e profissionais mais altos, conseguindo sair da domesticidade e participar da vida pública mais ativamente, de modo a colaborar no orçamento da casa (CERVENY e BERTHOUD, 2009).

Com relação à *dinâmica familiar*, as pesquisas realizadas constataram que não houve alteração nos seguintes aspectos: (I) o amor e o dinheiro como itens ideais para a família. (II) o estudo e a profissionalização dos filhos como a meta da família; (III) a figura materna associada à função de organização da casa e de suporte emocional para a família; (IV) a figura paterna associada à função de sustento econômico da família; e (V) a figura dos filhos associada à realização afetiva por meio do casamento e também associada ao trabalho e/ou estudo (CERVENY e BERTHOUD, 2009).

No entanto, constatou-se alteração no que se refere especificamente à dinâmica interna da família: na medida em que houve maior abertura e flexibilização no modelo rígido de relação entre pais e filhos, os casais deixaram de dividir apenas as atividades da vida doméstica com os filhos, e agora compartilham com eles também tarefas relacionadas à administração da casa (CERVENY e BERTHOUD, 2009).

Quanto aos *valores familiares*, mantiveram-se sem grandes alterações: (I) o Natal como a grande comemoração do ano; (II) rituais familiares como a troca de presentes e as refeições realizadas conjuntamente; (III) as reuniões com parentes aos domingos; (IV) a morte como o grande tabu na vida da família; e (V) a

importância dos estudos como o principal valor a ser transmitido às gerações futuras (CERVENY e BERTHOUD, 2009).

Constatou-se que valores como o lazer, individual ou familiar, são apreciados pela família contemporânea; já valores que se referem a questões como virgindade e casamento, nome da família e profissão igual à dos pais são menos apreciados (CERVENY e BERTHOUD, 2009).

Conforme se percebe, há um processo social iniciado nos últimos séculos que tem resultado em transformações nos mais variados campos da vida humana. A seu modo, a família tem refletido todas essas mudanças e tem se modificado junto com a história do homem.

A investigação científica mais recente, no Brasil e no exterior, acumula dados que descrevem um enfraquecimento das relações familiares, mas indica também indícios e evidências de uma surpreendente vitalidade do ideal familiar. Não são poucos os estudiosos que afirmam que, no meio das turbulências, a família empenha-se em reorganizar, na sociedade pós-moderna, aspectos da sua realidade que o ambiente sócio-cultural vai desgastando (PETRINI, 2003, p. 60).

Cerveny e Berthoud (2009) consideram que as mudanças mais significativas que têm acometido a família não se limitam a questões de transformações em sua dinâmica e funcionamento, mas igualmente dizem respeito a questões como a conservação de padrões familiares que enfatizam características familiares como a dinamicidade, a adaptabilidade e a resiliência.

Nesse sentido, de acordo com Scabini (1998); Scabini, Donati (1995); Donati (1998) citados por Petrini (2003), na medida em que a família tem se mostrado como um conjunto que reage a fatores extrínsecos e, simultaneamente, adapta-se aos mesmos, ela tem também encontrado formas inéditas de estruturação que permitem sua existência e manutenção no interior do universo contemporâneo. Segundo Ariès (2011), a importância singular da figura da família reside em que ela é elemento essencial que compõe o quadro da experiência humana em sua sociabilidade.

Como consequência disso, as novas gerações encontram mais dificuldades para enfrentar os desafios da existência na sociedade moderna. Mudanças familiares de grande significado são observadas, ainda que com variações ou classe social (...). Nesse cenário de mudanças, é necessário compreender os novos arranjos familiares, as novas características que as relações intergeracionais assumem e os sistemas de referência disponíveis para pessoas e famílias nos diversos momentos do ciclo de vida, bem como as funções que assume a família na atualidade, sua relação com os

dinamismos sociais, em ambientes caracterizados pelo pluralismo ético, cultural e religioso (PETRINI, 2003, p. 62).

A família tem se transformado como nunca na história da cultura humana, o que não significa, necessariamente, que ela tenha chegado ao ponto de se tornar uma entidade desfigurada e sem forma; em que pese, portanto, o dinamismo das transformações por que tem passado, a família parece estar se adaptando mas ao mesmo tempo mantendo algumas características constitutivas, como a garantia de proteção e cuidado para as novas gerações e a transmissão de padrões e regras de cultura. Isso vai na contramão das teses alarmistas que situam a família num lugar de incredulidade quanto à sua longevidade (CERVENY, 2009).

É preciso, pois, procurar delinear o cenário maior e mais vasto do atual contexto contemporâneo no que se refere à cultura, à sociedade, à política, dentre outros. É preciso também detalhar os contornos da realidade não tão ampla, mas muito vasta de aspectos tipicamente brasileiros que estão diretamente associados à família no que se refere aos seus destinos e possibilidades. Sobretudo, porém, é preciso penetrar no íntimo da família para desvelar os seus traços constitutivos – aqueles elementos essenciais que fazem com que um conjunto de pessoas seja uma *família*.

3.1 Significado de família e afeto

Conforme pudemos constatar nas pesquisas de Cerveney e Berthoud (2009), a família enfrenta hoje mudanças, em graus diferentes, que reverberam em sua organização, em sua estrutura, dinâmica e até mesmo em sua concepção de valores.

São abandonados modelos “tradicionais”, que atribuíam o primado ao marido, reservavam às mulheres, preferencialmente domésticas, pensavam a relação entre pais e filhos dentro de certa visão da autoridade e da disciplina, davam grande importância aos aspectos institucionais da convivência familiar, e assim por diante. (PETRINI, 2003, p.64)

Para Petrini (2003), a estrutura familiar é uma figura recorrente nas mais diversas expressões de cultura humana ao longo da história do homem. Em geral, o ambiente da família representa um espaço a partir do qual seus membros encontram

elementos favoráveis à sua sobrevivência bem como condições para a realização pessoal. Nesse sentido, a família acaba cumprindo também a função de transmitir e perpetuar a cultura para as gerações vindouras.

Para Minuchin e Fishman (2003), cada ser humano é uma totalidade que interage com outras totalidades. No contexto familiar, cada indivíduo influencia no comportamento do conjunto familiar tanto quanto o conjunto familiar influencia no comportamento do indivíduo. Entretanto, é a necessidade de coexistência entre os seres humanos que traz benefícios para o sistema familiar:

A família é um grupo natural que através dos tempos tem desenvolvido padrões de interação. Estes padrões constituem a estrutura familiar, que por sua vez governa o funcionamento dos membros da família, delineando sua gama de comportamento e facilitando sua interação. Uma forma viável de estrutura familiar é necessária para desempenhar suas tarefas essenciais e dar apoio para a individuação ao mesmo tempo que provê um sentido de pertinência. (MINUCHIN e FISHMAN, 2003, p.21).

Nesse sentido, Minuchin e Fishman (2003) entendem a família como uma estrutura hierárquica dentro da qual formam-se subgrupos diversos, por exemplo, em virtude da geração (subgrupo de irmãos), do sexo (avô, pai e filho) ou mesmo da tarefa (subsistema parental). As pessoas devem desempenhar sua função relativamente a seu subgrupo para que o sistema familiar mantenha seu funcionamento regular. Um exemplo disso é o subsistema parental: aqui, os pais são responsáveis pela educação de seus filhos e por lhes ensinar a socializar; assim, é dentro deste subsistema que haverá, por parte dos filhos, o desenvolvimento de aspectos interacionais e o aprendizado da autoridade. Mas para que tudo funcione e um pai possa agir como adulto, seu filho também deve agir como criança dentro do subsistema parental.

De qualquer maneira, a responsabilidade pelo cuidado, proteção e socialização das crianças de uma família é dos adultos do subsistema parental. Ao mesmo tempo, porém, em que há tal atribuição de responsabilidade aos adultos, também lhes são conferidos direitos. Assim, os pais têm a prerrogativa de resolver as mais diversas questões relativas à sobrevivência do sistema, tais como mudança de domicílio, escolha da escola dos filhos, estabelecimento de regras familiares, entre outras (MINUCHIN e FISHMAN, 2003).

Quanto à capacidade de autodeterminação que a família tem em relação a si mesma, a família será sempre uma totalidade inserida em uma cultura mais ampla,

motivo pela qual ela deve ser entendida contextualizadamente. Há, portanto, paralelamente à capacidade de autodeterminação familiar, possibilidades culturais extrínsecas à família, que também a influenciam (MINUCHIN e FISHMAN, 2003).

A família não é uma entidade estática. Está em processo de mudança contínua, assim como seu contexto social. Considerar seres humanos fora da mudança e do tempo é somente uma construção linguística artificial (...). A família é constantemente sujeita às demandas para mudanças, vindas de dentro e de fora. (MINUCHIN e FISHMAN, 2003, p.30).

Com efeito, a família é uma totalidade inserida no fluxo de tempo da vida, o que significa dizer que ela vive sua história dentro da história da cultura à qual pertence. Mas como qualquer história de vida, acontecimentos sempre podem representar a possibilidade de mudanças e transformações; no caso da família, acontecimentos intrafamiliares e extrafamiliares – como desemprego, morte, entre outros – podem fazer com que a família reveja sua organização e, eventualmente, modifique-se em um ou mais aspectos (MINUCHIN e FISHMAN, 2003).

Para Minuchin e Fishman (2003), o sistema familiar conserva em si a tendência para evoluir e conservar-se. A família orienta-se para uma complexidade crescente que, muito embora esteja limitada por determinada extensão familiar, pode atingir níveis surpreendentes de adaptação e mudança.

Singly (2011) acrescenta que a família contemporânea tem se apresentado menos sob uma figura institucionalizada do que sob a perspectiva de relações travadas internamente pelos seus membros. Nesse sentido, para o autor, a partir da segunda metade do século passado as sociedades passaram a ver o surgimento de famílias com relações menos hierarquizadas e verticais, seja entre o casal, seja entre os pais e filhos.

As famílias atuais que designo pelo termo de “modernas 2” – não estão em ruptura completa com essa família “moderna 1” na medida em que a lógica do amor se impôs ainda mais: os cônjuges só ficam juntos sob a condição de se amarem; pais devem ainda dar mais atenção aos filhos. A família “moderna 2” se distingue da precedente pelo peso maior dado ao processo de individualização (...). A família se transforma em um espaço privado a serviço do indivíduo. (SINGLY, 2000, p. 15).

Os autores que procuraram estudar e descrever a família realizam sua compreensão a partir de aspectos e funções tipicamente familiares como a

conservação e evolução, a hierarquia entre os membros, a reprodução biológica e social. De um modo geral, esses autores atingem sua conceituação de família pela análise das manifestações familiares na história das culturas.

Maturana, por sua vez, complementa tais perspectivas de apreensão da família na medida em que analisa-a a partir do próprio âmago do sistema familiar.

Denominamos família a um domínio de interação de apoio mútuo na paixão por viver juntos em proximidade física ou emocional, gerado por duas ou mais pessoas (às vezes, inclui a outros seres vivos), seja através de um acordo explícito ou porque crescem imersos nele, no acontecer de seu viver. Como tal, uma família é sempre realizada através do viver daqueles que a integram, e constitui um domínio operacional onde seus membros se realizam a si mesmos como indivíduos de uma maneira tal, que envolve a dinâmica de realização de suas corporalidades através de suas interações. (MATURANA, 1998, p. 161-162)

Desse ponto de vista, a família pode ser entendida como um espaço no qual se dá a interatividade – tanto corporal quanto emocional – de pessoas unidas por um vínculo afetivo. Nesse sentido, a família consubstancia um lugar privilegiado onde predomina o sentimento de pertencimento e de compartilhamento entre seus membros; um lugar onde as existências individuais se completam e constituem um todo maior e mais importante que a soma das individualidades: a família.

Finalmente o emocionar, cuja conservação se constitui o humano ao surgir a linguagem, centra-se no prazer da convivência, na aceitação do outro junto a nós, ou seja, no amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações no qual aceitamos o outro na proximidade da convivência. Sendo o amor a emoção que funda a origem do humano e sendo o prazer do conversar nossa característica, resulta em que tanto nosso bem estar como nosso sofrimento dependem de nosso conversar. (MATURANA, 1998, p. 175).

A despeito do caráter afetivo e emocional da família entendida na concepção de Maturana, a existência simplesmente de uma volição interna a cada um dos membros de uma família não é condição suficiente para que a família se realize de forma estável. Isto porque a dinâmica das corporalidades deve expressar o vínculo afetivo a contento, sob o risco de que haja um descompasso entre o plano interno de cada individualidade e o plano externo de sua interação.

Nesse sentido, a família pode ser vista como um espaço de relacionamento onde a conversação é fundamental como fator estabilizante. De acordo com

Maturana (1998), o perigo de uma família dialogicamente desintegrada é que ela corre o risco da dissolução.

Nossa cultura opõe emoção e razão como se fossem posições antagônicas do espaço psíquico. Partimos do ponto em que o emocional nega o racional, e dizemos que é o racional que define o humano. Ao mesmo tempo sabemos que quando negamos nossas emoções, nenhum raciocínio pode apagar o sofrimento que geramos em nós mesmos ou nos outros. Quando temos uma desavença, é no conversar que a dissipamos, as emoções mudam. (MATURANA, 1998, p. 167).

A linguagem, portanto, é o traço de distinção fundamental entre o homem e outros animais, e é ela que permite o entrelaçamento valorativo entre razão e emoção na vida humana e, particularmente, na vida humana no interior de sua família – “(...) a linguagem, como processo, não tem lugar no corpo (no sistema nervoso) de seus participantes, mas no espaço de coordenações consensuais de conduta que constitui no fluir nos seus encontros corporais recorrentes” (MATURANA, 1998, p. 168).

Ora, quando falamos de valores, de fato estamos falando de formas de *inter-agir*, de *con-viver*, formas de relação fundadas na emoção do amor. O amor é aqui concebido como domínio das ações/interações – embasado na nossa constituição biológica – que constituem o outro como legítimo na convivência. Valores são expressão de harmonia social e é o amor (fenômeno biológico) que funda o social. (MATURANA apud VASCONCELLOS, 2008, p. 3).

Sem dúvida, a instância primordial a partir da qual a família pode existir enquanto conjunto de indivíduos é da ordem da afetividade – da emoção, portanto. Mas isso nada impede ao fato de que a família existente necessariamente deve interagir fisicamente por meio dos seus indivíduos. Dentro disso, a *palavra* constitui operação no domínio da existência dos membros da família, membros que participam na linguagem não apenas verbalmente, mas também por suas mudanças corporais, posturas e ações e reações diversas. Assim, linguagem e corporalidade estão vinculadas e afetam-se mutuamente. (MATURANA, 1998).

A existência humana se realiza na linguagem e no racional partindo do emocional (...) as emoções são disposições corporais que especificam domínios de ações, e que as diferentes emoções se distinguem precisamente porque especificam domínios de ações distintos, convidando-os também a reconhecer que, devido a isso, todas as ações humanas, independentemente do espaço operacional em que se dão, se fundam no emocional porque ocorrem no espaço de ações especificado por uma emoção. O raciocinar também. (MATURANA, 1998, p. 170).

Diante da conceituação de família que Maturana faz, portanto, é possível pensar o conjunto familiar a partir do dado fundamental que o constitui: o afeto entre os seus membros. Dessa forma, podemos entender a família como um grupo complexo onde razão e emoção se entrecruzam na medida em que as pessoas envolvidas se relacionam – e, de fato, elas se relacionam a todo o momento, porque invariavelmente sua existência corporal comunica algo, quer se queira, quer não.

Assim, desde seu princípio os indivíduos de uma família vivem imersos em um universo comunicativo que se desenrola sobre um fundo afetivo. É na dinâmica das interações corporais – que, entretanto, deve expressar fisicamente o elemento de fundo emocional – que a família deve ser compreendida, porque é na convivência recíproca que ela se estrutura e desenvolve sua história a partir da singularidade de seu conjunto.

Com Maturana é possível, portanto, considerar a família sob a tríade *razão – emoção – linguagem*, tríade de muito valor para nosso estudo, como mais adiante mostraremos.

CAPÍTULO 4

A FAMÍLIA INTENCIONAL E OS RITUAIS FAMILIARES

*E não gostavas de festa...
 Ó velho, que festa grande
 hoje te faria a gente.
 E teus filhos que não bebem
 e o que gosta de beber,
 em torno da mesa larga,
 largavam as tristes dietas,
 esqueciam seus tricotes,
 e tudo era farra honesta
 acabando em confidência.
 Ai, velho, ouvirias coisas
 de arrepiar teus noventa.
 E daí, não te assustávamos,
 porque, com riso na boca,
 e a média galinha, o vinho
 português de boa pinta,
 e mais o que alguém faria
 de mil coisas naturais*

*e fartamente poria.
 em mil terrinas da China,
 já logo te insinuávamos
 que era tudo brincadeira
 Pois sim. Teu olho cansado,
 mas afeito a ler no campo
 uma lonjura de léguas,
 (...)
 e com ira amaldiçoava
 e com doçura perdoava
 (perdoar é rito de pais,
 quando não seja de amantes).
 E, pois, tudo nos perdoando,
 por dentro te regalavas
 de ter filhos assim. . . Puxa,
 grandessíssimos safados,
 me saíram bem melhor
 que as encomendas.*

Carlos Drummond de Andrade,

A Mesa

(Claro Enigma)

Conforme nossa proposta inicial, por meio da qual perfaríamos um percurso teórico do sentido mais geral ao mais particular, diminuindo, porém especificando o escopo de nosso tema, chegamos agora à esfera da intencionalidade da família propriamente dita.

O conceito de “intencionalidade” aqui referido é de William Doherty (2002) e pode ser entendido como a existência, no seio da família, de uma *intenção específica e deliberada em ser família e em viver em família*. Entretanto, para Doherty há inevitavelmente uma vinculação estrita entre a intencionalidade assim considerada e a prática de rituais familiares. Poderíamos dizer que, de acordo com o autor, a intencionalidade reside justamente na prática efetiva de rituais familiares pela família. Tendo isso em vista, daremos primeiramente um panorama histórico da própria noção de “ritual”, com algumas definições conceituais a seu respeito, para em seguida trabalhar como Doherty entende os rituais familiares e a intencionalidade.

A noção de ritual foi formalmente introduzida nos modelos de sistema da terapia familiar em 1974 por Mara Selvini Palazzoli; na ocasião, o ritual foi definido como “uma ação, ou uma série de ações, acompanhadas de fórmula verbal e envolvendo a família toda. Como todo ritual, ele precisa consistir em uma sequência regular de passos dados na hora certa e no lugar certo” (ROBERTS, 1988, p. 3, tradução nossa)¹.

Mais tarde, Palazzoli retrabalhou a definição de ritual: “[...] ações prescritas em detalhe (tempo, local, ordem, etc.) para a família e que algumas vezes são feitas em conjunto com mensagens verbais” (ROBERTS, 1988, p. 4, tradução nossa)².

Van der Hart, por sua vez, define ritual como:

[...] atos simbólicos prescritos que precisam ser realizados de uma certa forma e ordem, e podem ou não ser acompanhados de fórmulas verbais. Além destes aspectos formais, um aspecto experiencial dos rituais pode ser distinguido. O ritual é realizado com muito envolvimento. Se este não for o caso, então estamos falando de rituais vazios. Alguns rituais são realizados repetidamente nas vidas daqueles envolvidos; outros, ao contrário, são

¹ “[...] an action, or series of actions, accompanied by verbal formulae and involving the entire family. Like every ritual it must consist of a regular sequence of steps taken at the right time and in the right place”.

² “[...] actions that are prescribed in detail (time, place, order, etc.) for the family and that are sometimes done in conjunction with verbal messages”.

realizados somente uma vez. (VAN DER HART apud ROBERTS, 1988, p. 5, tradução nossa).³

Do ponto de vista antropológico, houve assim, uma aceitação geral em entender o ritual como um “comportamento formal prescrito para ocasiões não relacionadas à rotina tecnológica, mas tendo referência à crença em seres místicos e poderes” (TURNER, 1967 apud ROBERTS, 1988, p. 6, tradução nossa)⁴. Entretanto, a noção teve que ser retrabalhada na medida em que os rituais foram sendo naturalmente dessacralizados pelas sociedades, o que então fez expandir o conceito de ritual para além dos aspectos mágicos e religiosos.

Ao comentar Turner (1967), Roberts (1988) relembra que, para aquele, entendeu-se que o *símbolo* é a unidade básica que compõe o ritual, e sua importância está relacionada a três áreas: habilidade de carregar múltiplos significados; habilidade para unir fenômenos díspares que jamais poderiam ser unidos em sua complexidade com simples palavras; habilidade para trabalhar com pólos sensoriais e cognitivos de sentido simultaneamente.

De qualquer maneira, fato é que o termo “ritual” deixou de se limitar às práticas religiosas. Assim, para Rappaport (1971 apud ROBERTS, 1988, p. 7, tradução nossa)⁵, há seis aspectos do ritual:

- 1.Repetição – não necessariamente em ação mas também em conteúdo e forma.
- 2.Ação – não apenas dizer ou pensar alguma coisa mas também fazer alguma coisa.
- 3.Comportamento especial ou estilização – onde comportamentos e símbolos são separados de seus usos comuns.
- 4.Ordem – algum começo e fim e inclusão de espontaneidade.

³ “[...] prescribed symbolic acts that must be performed in a certain way and in a certain order, and may or may not be accompanied by verbal formulas. Besides the formal aspects, an experiential aspect of the rituals can be distinguished. The ritual is performed with much involvement. If that is not the case, then we are talking about empty rituals. Certain rituals are repeatedly performed throughout the lives of those concerned; others, on the contrary, are performed only once”.

⁴ “[...] prescribed formal behavior for occasions not given over the technological routine, having reference to beliefs in mystical beings or powers”.

⁵ “1. Repetition – not necessarily just in action but also of content and form.
 2. Acting – not only saying or thinking but also doing something.
 3. Special behavior or stylization – where behaviors and symbols are set apart from their usual common uses.
 4. Order – some beginning and end and containment for spontaneity.
 5. Evocative presentational style – where through staging and focus an ‘attentive state of mind’ is created.
 6. Collective dimension – where there is social meaning.”

5. Estilo evocativo de presença – onde, através de encenação e concentração, se cria um estado de mente atencioso.
6. Dimensão coletiva – onde há significado social.

Já para Myerhoff (1977 apud ROBERTS, 1988, p. 7), temos que

[...] Rituais podem ser distinguidos do mero hábito por sua utilização dos símbolos. Eles têm significação muito além da informação transmitida. Eles podem consistir em tarefas, acompanhar rotina e procedimentos instrumentais, mas eles sempre vão além deles, ensejando sentido mais profundo para as atividades com as quais estão associados. (tradução nossa)⁶.

Para Roberts (1988), é possível afirmar que o ritual não é somente a cerimônia ou a performance atual, mas todo o processo de preparação e também de reintegração à vida do dia-a-dia. Assim, chega-se a uma definição global de ritual:

Rituais são atos simbólicos co-desenvolvidos que incluem não somente aspectos cerimoniais da apresentação atual do ritual, mas também seu processo de preparação. Ele pode ou não conter palavras (...). A repetição pode ser parte dos rituais através do conteúdo, da forma ou mesmo da ocasião. (ROBERTS, 1988, p. 8, tradução nossa)⁷.

Assim como Doherty (2002), Rosalina Costa também credita a manutenção da família na Pós-Modernidade à prática de rituais familiares. A autora define rituais como:

[...] práticas prescritas que resultam da interação familiar, direcionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico. (...) partimos de uma classificação considerada clássica – proposta por Wolin e Bennett (1984) – que distingue entre celebrações, tradições e interações padronizadas, para designar esses dias, momentos ou acontecimentos considerados “especiais” na vida dos indivíduos e das famílias. (COSTA, 2014, p. 88)

O objetivo de Costa (2014) é questionar o que constrói uma família para além da efemeridade, da fluidez e da fragilidade:

⁶ “Rituals can be distinguished from custom and mere habit by their utilization of symbols. They have significance far beyond the information transmitted. They may accomplish tasks, accompany routine and instrumental procedures, but they always go beyond them, endowing some larger meaning to activities they are associated with”.

⁷ “Rituals are coevolved symbolic acts that include not only the ceremonial aspects of the actual presentation of the ritual, but the process of preparing for it as well. It may or may not include words (...). Repetition can be a part of rituals through either the content, the form, or the occasion”.

[...] propomo-nos olhar e conceituar as famílias não por aquilo “que são” ou “para que servem”, mas “pelo que fazem”. Optámos por analisar as “práticas familiares”, especificamente os rituais familiares, reconhecidos por vários autores como uma das portas de entrada para o estudo das representações e práticas na e da família. (COSTA, 2014, p. 87)

Segundo a autora, citando Wolin e Bennett (1984), a prática de rituais familiares consubstancia um lugar privilegiado a partir do qual a família se constrói a si mesma e, dessa forma, consegue assegurar sua existência e sua manutenção dentro do universo contemporâneo de incertezas. Nesse contexto, datas como casamentos, nascimentos e falecimentos entram no campo de rituais como celebrações ou comemorações; por sua vez, formas de organizar a vida diária e horários da família como a hora de dormir e de se alimentar, hora de sair para o lazer, dentre outros, entram no campo das interações padronizadas e ocorrem de maneira espontânea e frequente.

Por sua vez, Doherty (2002) distingue os rituais de acordo com sua função específica em relação à família a que diz respeito: há rituais para conexão e fortalecimento de vínculo no interior da família, rituais para a demonstração de amor a membros individuais da família e também rituais para vincular a família com a comunidade.

Os rituais de conexão se dão em geral em ocasiões como:

[...] refeições em família, rotinas das manhãs ou da hora de dormir, e as idas e vindas dos membros da família da/para a escola e do/para o trabalho. Eles também envolvem saídas, desde pequenas viagens à loja de sorvete até grandes férias familiares. O objetivo é um sentido de vínculo familiar (DOHERTY, 2002, p. 12, tradução nossa).⁸

Já os rituais de amor, para Doherty:

Rituais de amor se concentram no desenvolvimento da intimidade um-a-um e no ‘fazer’ um membro individual da família sentir-se especial. Eles podem ser subdivididos em rituais de casal e rituais especiais-de-pessoa. Exemplos de rituais de casal são aniversários, dia dos namorados, ‘encontro’, e relações sexuais. Rituais especiais-de-pessoa geralmente se dão em relação a aniversários, dia das mães e dia dos pais. (DOHERTY, 2002, p. 12, tradução nossa).⁹

⁸ “*Connection rituals* offer everyday opportunities for family bonding, such as family meals, morning and bedtime routines, and the comings and goings of family members to and from work and school. They also involve family outings, from small trips to the ice cream store to major family vacations. The goal is a sense of family bonding”.

⁹ “*Love rituals* focus on developing one-to-one intimacy and making individual family members feel special. They can be subdivided into couple rituals and special-person rituals. Examples of couple

Por fim, há também os rituais de comunidade:

Rituais de comunidade têm uma dimensão mais pública que os rituais de conexão e de amor. Eles incluem eventos familiares maiores como casamentos e funerais que vinculam a família com suas comunidades, tanto quanto atividades religiosas em igrejas, sinagogas [...]. Além disso, os rituais de comunidade incluem esforços conscientes para conectar com uma rede social mais ampla que a família, para ambos darem e receberem suporte. (DOHERTY, 2002, p. 12-13, tradução nossa)¹⁰.

Segundo Doherty (2002), este início de século marca, a um só tempo, o pior e o melhor momento para a família: pior porque, historicamente, sempre houve uma espécie de guia cultural que determinava o formato das instituições do casamento, cuidado com as crianças, enfim, os diversos elementos que compõem a existência e o funcionamento de uma família; agora, a família está solta, largada a seus próprios esforços. Melhor porque somos capazes de entender como uma família funciona e dispomos de uma liberdade sem precedentes para pensarmos o tipo de família que queremos, para sermos *intencionais* sobre nossas famílias. Isto particularmente interessa para o presente trabalho.

Uma Família Intencional é aquela cujos membros criam um plano de trabalho para manter e construir laços familiares, e então implementam este plano da melhor forma possível. Uma família intencional controla e dirige seu barco ao invés de ser movida somente pelos ventos e pela corrente (DOHERTY, 2002, p. 8, tradução nossa).¹¹

Para Doherty, é preciso, em determinada medida, tomar consciência, agir *intencionalmente* acerca da vida familiar e de seu contexto – “Somente uma Família Intencional tem a chance de manter e aumentar seu senso de conexão, de sentido e de comunidade ao longo dos anos”, afirma Doherty (2002, p. 8, tradução nossa)¹².

rituals are anniversaries, Valentine’s Day, ‘dating’, and sexual relations. Special-person rituals generally center around birthdays, Mother’s Day, and Father’s Day”.

¹⁰ “*Community rituals* have a more public dimension than connection and love rituals. They include major family events such as weddings and funerals that link families to their communities, as well as religious activities in churches, synagogues [...]. In addition, community rituals include conscious efforts to connect with a wider social network than the family, to both give and gain support”.

¹¹ “An Intentional Family is one whose members create a working plan for maintaining and building family ties, and then implement the plan as best they can. An Intentional Family rows and steers its boat rather than being moved only by the winds and the current”.

¹² “Only an Intentional Family has a fighting chance to maintain and increase its sense of connection, meaning, and community over the years”.

Assim, a *família intencional* consubstancia uma família que poderíamos designar como ritualizante: ela cria padrões e conexão através dos rituais diários do cotidiano, celebrações e ocasiões especiais, enfim, envolvimento com a comunidade de um modo geral; nesse sentido, a família não seria movida extrinsecamente apenas pelos ventos e pela corrente das inquietações e pluralidades que envolvem a sociedade Pós-Moderna (DOHERTY, 2002).

O oposto deste modelo de *família intencional*, segundo Doherty, é a *família entrópica*: trata-se de uma concepção de família cuja falta de consciência à sua própria vida interna e aos laços com a comunidade levam-na, gradativamente, a perder o senso de coesão ao longo dos anos. Seus rituais de manutenção, como refeições e aniversários, perdem seu encanto, e então degeneram. Membros individuais podem até ter vidas ativas no mundo, mas a energia da família aos poucos se esvazia.

Eis o final do panorama delineado em nosso eixo teórico. A este ponto, é preciso fazer alguns questionamentos: será que a realidade fluida e líquida a que aludem tantos teóricos, será que a realidade atual onde se elevam e se presentificam cada vez mais a desinstitucionalização, a individualização e o risco é potencialmente capaz de afetar a tríade *razão – emoção – linguagem* de uma família?

Por fim: seria condição suficiente para uma família manter-se firme diante do universo Pós-Moderno o fato de que seus membros tivessem uma intencionalidade nos termos em que a conceituamos neste capítulo?

Escutemos, a partir de agora, algumas famílias narrando, por meio da voz própria de cada singularidade familiar, suas certezas, suas inquietações e possibilidades com relação à vida presente.

CAPÍTULO 5

MÉTODO

Compreender a família no contexto contemporâneo requer uma via de acesso que possibilite considerá-la a partir de sua singularidade própria, sem que se perca de vista o sentido e o significado socialmente construídos de família.

Família é um objeto de estudo com características muito específicas. É um grupo social, particular pelas suas qualidades: privacidade; padrões relacionais não acessíveis prontamente por não familiares, relações baseadas em laços afetivos de consangüinidade, adoção ou escolha; relações baseadas em contratos (casamento) que pretendem ser permanentes; tradições compartilhadas; intenso envolvimento com uma variabilidade que vai da maior intimidade e afeto a ações muito violentas, além de uma multiplicidade de interesses e experiências concomitantes. (MACEDO, 2008, p.168-169)

Em virtude de tais características, bem como em função do escopo do presente estudo, optamos pelo método da pesquisa qualitativa. Denzin e Lincoln (2006, p. 17) definem a pesquisa qualitativa da seguinte forma:

[...] pode-se oferecer uma definição genérica, inicial: a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo.

Nesse sentido, o termo “qualitativo” indica precisamente a “natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 23).

Realizamos uma pesquisa qualitativa, sob a perspectiva da concepção sistêmica novo paradigmática do ponto de vista da construção da realidade como referencial teórico; desta forma, o ato de conhecer descreve e fornece sentido a este conhecimento, sem separar o objeto do conhecimento do sujeito que conhece. O observador se entrelaça com o observado na medida em que seleciona subjetivamente aspectos da realidade que nomeia, o que cria um espaço entre o explicar e o compreender que passa pelas suas próprias experiências, sua vivência, seu contexto e a cultura a que pertence (MACEDO, 2008).

Nessa acepção de ciência, o conhecimento produzido é transferível, não generalizável para situações semelhantes e dadas a multiplicidade e a variedade de contextos e de características das pessoas e grupos, os resultados são vistos como textos incompletos sempre sujeitos a revisões (MACEDO, 2008, p. 168).

Assim, os pressupostos do pensamento sistêmico novo-paradigmático nos deram base para orientar nossa pesquisa, ao tratarmos da complexidade, da imprevisibilidade e da intersubjetividade como condições de construção do conhecimento (VASCONCELLOS, 2002). Estes pressupostos nos guiaram na compreensão dos casais e das famílias, sob a perspectiva da teoria sistêmica.

O foco de estudo com famílias e casais em Psicologia são os processos que criam e sustentam suas próprias realidades, entendendo a família como grupo que constrói significados individuais e compartilhados (MACEDO, 2008, p. 169).

5.1 Participantes

A pesquisa foi realizada com três casais, pais de família, todos com filhos pelo menos terminando o ensino médio, ou mais avançados nos estudos, por exemplo cursando a universidade; as famílias são consideradas de classe média por indicadores como renda familiar, bens e serviços de que dispõe. A escolha dos participantes se deu pelo método “Bola de Neve” (PATTON, 2002), onde um entrevistado indica outro, com o mesmo perfil, por julgar que este possua informações relevantes para a pesquisa.

Casal A: a esposa tem cinquenta e dois anos de idade e o marido quarenta e sete anos de idade. O tempo de união do casal é de vinte e cinco anos; possuem uma filha com dezenove anos de idade. Nas entrevistas, o casal foi identificado da seguinte maneira: **Casal A - Esposa “A”, Marido “A”**.

Casal B: ambos os membros do casal têm quarenta e cinco anos de idade. O tempo de união é de dezoito anos; possuem três filhos, duas filhas, uma com dezessete anos de idade e outra com cinco anos de idade, e um filho com dez anos de idade. Nas entrevistas, o casal foi identificado da seguinte maneira: **Casal B – Esposa “B”, Marido “B”**.

Casal C: a esposa tem cinquenta e um anos de idade e o marido tem cinquenta e cinco anos de idade; o tempo de união do casal é de vinte e nove anos e seis

meses; possuem dois filhos, um com vinte e seis anos de idade e outro com treze anos de idade. Nas entrevistas, o casal foi identificado da seguinte maneira: **Casal C** – **Esposa “C”, Marido “C”**.

5.2 Instrumento

Desenvolvemos nossa pesquisa a partir de entrevistas semi-estruturadas por meio de uma conversação não diretiva. Isto significa, segundo Kvale e Brinkmann (2009), a possibilidade de que se construam conjuntos de significados referentes às realidades dos indivíduos pesquisados, na medida em que, pela conversação entre participantes e pesquisador, aqueles relatam suas experiências para que o pesquisador possa compreendê-las. Para isso, estabelecemos temáticas preliminares à nossa análise dos dados, de modo a assegurar que os relatos dos participantes pudessem fluir em sua singularidade discursiva. Elaboramos o roteiro de nossa entrevista em virtude dos objetivos propostos. O roteiro está no APÊNDICE 1.

5.3 Procedimento

Cada entrevista foi realizada com cada casal, de modo que o marido e a esposa foram entrevistados simultaneamente. Tendo em vista nossos objetivos, nossa intenção era justamente ouvir da maneira mais espontânea possível as sensações, os sentimentos e as lembranças que subsidiam as relações na formação de cada casal e de suas famílias, dando espaço para que eles pudessem falar o mais extensamente possível sobre suas experiências, tanto em suas famílias de origem como nas famílias atuais; e assim, entender melhor como esse casal se construiu como casal e como ele afinal pensa sua família hoje. Os aspectos que nos propusemos a compreender têm uma particular profundidade emocional, de tal modo que os entrevistados por vezes mergulharam em lembranças e memórias de suas vidas, o que naturalmente tornou extensas as nossas entrevistas.

O local foi definido não apenas pela garantia do sigilo, mas também pela escolha dos entrevistados. Foram dois encontros com duração estimada de duas horas e meia cada um.

Primeiramente, juntamente com os entrevistados fizemos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2) onde constaram, de acordo com a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, a explicação em detalhe da natureza da pesquisa, seus objetivos, seus benefícios e riscos em potencial.

Os procedimentos só foram iniciados após a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas e transcritas e serão mantidas por cinco anos em local apropriado, após o encerramento dos estudos.

O projeto do presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, em 30 de novembro de 2014, sob protocolo de número 936.803 (APÊNDICE 3).

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Primeiramente, estudamos as transcrições obtidas. A circularidade no contato com os temas, isto é, o movimento constante de retorno a eles até que, pela repetição deste processo, os significados dos diferentes temas componham uma unidade coerente, é o que enseja o aprofundamento em seus significados e o estabelecimento das categorias temáticas (MACEDO, KUBLIKOWSKI e SANTOS, 2004).

Isto feito, nos dedicamos à interpretação das categorias temáticas obtidas, momento em que realizamos uma análise textual de modo a contextualizar os relatos dos participantes. A interpretação surgiu não apenas nos limites do texto, mas, sobretudo, como desabrochar do sentido do próprio mundo aberto dos pesquisados. (MACEDO, KUBLIKOWSKI e SANTOS, 2004).

6.1 Resultados da Pesquisa

Uma vez realizadas as entrevistas, tivemos a chance de estudá-las para verificar suas possíveis confluências/divergências temáticas. Foi a partir de sucessivas leituras que pudemos então vislumbrar as categorias expostas a seguir. A fala de cada pessoa, nas entrevistas, é um discurso que adquire ressonância em seu universo específico, um discurso que, no ato de problematizar as questões por nós propostas, revela tanto de seu contexto familiar quanto de si mesmo como individualidade.

Segundo Bardin (1995):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1995, p.117).

Nesse sentido, cada fala é a voz de uma singularidade viva, singularidade que traz uma história própria e uma significação própria desta história, mas que ao mesmo tempo constrói uma história em comum com sua família, partilhada pelos indivíduos que compõem este grupo tão íntimo. Assim, cada fala é uma imagem real do todo que deve ser refletida detidamente, em seus mais diversos pormenores.

[...] são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1995, p.117).

Foi assim, portanto, que procedemos. Estudamos as falas a partir dos respectivos contextos de cada família e as refletimos a partir de suas linhas e entrelinhas. Com isso, pudemos levantar as seguintes categorias temáticas (com suas subcategorias e, dentro destas, seus itens específicos).

Categoria 1

A Representação do Sentido e do Significado de Família

Subcategorias:

- a) Amor e afeto;
- b) Ancestralidade no Ciclo de Vida da família;
- c) O desejo em ter filhos;
- d) Família de origem: adversidades nas interações;
- e) O ponto de encontro ao encontro da família;

Categoria 2

Valores

Subcategorias:

- a) Dinheiro, 'status' pessoal e profissional;
- b) Tradição;
- c) Destradicionalização;

Categoria 3

Rituais

Subcategorias:

a) Vivenciados como positivos na família de origem;

– itens específicos:

a1) Dias especiais, festas de aniversário e grandes comemorações;

a2) O cotidiano;

b) Vivenciados como negativos na família de origem;

c) Rituais repetidos na família atual;

– itens específicos:

c1) Dias Especiais, Festas de Aniversário e Grandes Comemorações;

c2) O cotidiano;

Categoria 4

Aspectos da Contemporaneidade que Dificultam as Relações na Família Atual

Subcategorias:

a) A tecnologia;

b) Parentalidade e individualidade dos filhos;

CATEGORIA 1

A REPRESENTAÇÃO DO SENTIDO E DO SIGNIFICADO DE FAMÍLIA

Subcategoria: a) Amor e afeto

Esta categoria se refere a aspectos da ordem da afetividade que os casais entrevistados preconizaram serem essenciais para sua representação, significação e construção da noção que têm do que seja uma *família*. Nesse sentido, reunimos nesta categoria os relatos que convergiram tematicamente para o campo do pertencimento e do vínculo afetivo que enlaça os indivíduos que compõem um conjunto familiar.

Dentro disso, ficou caracterizada, em nossa pesquisa, a existência de um movimento emocional de compartilhamento e reciprocidade entre os indivíduos. Para além da consanguinidade, as entrevistas denotaram um elo de união difícil de caracterização de tão indescritível e sublime, segundo os próprios entrevistados.

Bom, família pra mim, independente de quem faz parte dela, se é pai, mãe, marido, mulher, filho, irmão, não importa, eu acho que família pra mim são pessoas que decidem estar juntas, às vezes fisicamente, ou não, mas com um conceito de família aonde essas pessoas, o que... envolve essas pessoas é amor, é querer o bem de cada um, que cada um cresça, que todo mundo cresça, e apoio... estar junto para aquilo que a vida traz pra gente, mas estar junto dessa forma, apoiando, fazendo tudo com amor... querer o melhor pra elas e para aquele conjunto né... mas que elas sabem que elas podem contar com aquele grupo, com aquelas pessoas que a gente tá chamando de família... família tá em primeiro lugar.

(Casal A: Esposa "A")

De acordo com o entendimento de Maturana (1997), o amor é um fenômeno que não possui bases racionais de explicação. Trata-se de um sentimento em que o vínculo emocional leva à abertura de um espaço congruente de aceitação mútua onde se possibilita, de forma espontânea, a coexistência entre as individualidades. Assim, é possível afirmar que, no campo do amor, a sensibilidade prepondera em relação à racionalidade, de modo que a afetividade enseja, emocionalmente, aquilo

que a razão não é capaz de ensejar pela via do intelecto: *a felicidade de estar junto e de ser família.*

Você vê, eu voltei a trabalhar depois que eu senti que o meu caçula tava mais autônomo... quando eu tive o primeiro filho eu parei de trabalhar, porque eu priorizei a família... então o espaço que ela ocupa na nossa vida é... cem por cento.

(Casal C: Esposa “C”)

Assim, para Maturana (1998), a família é uma forma de amor a partir da qual os indivíduos exercem uma influência mútua entre si, o que ocorre nas mais variadas formas possíveis, tanto implícita quanto explicitamente. Nesse sentido, é esperado que cada indivíduo se satisfaça como pessoa, o que envolve a dinâmica de suas corporalidades e também a dinâmica de suas subjetividades; assim, se pressupõe um mínimo de acordo a partir da interação efetiva dessas pessoas.

A família tem que ter um... alguém que consiga agregar... e nem que seja de uma certa forma impositiva... as diferenças, as pessoas têm que aprender a conviver com elas, têm que ser aceitas.

(Casal B: Marido “B”)

Mas, para além disso, é preciso ressaltar que os indivíduos influenciam-se mutuamente no sentido de orientarem-se a si mesmos tendo em vista uma finalidade comum, a finalidade de construir algo maior que eles mesmos: *a família*. O compartilhamento do paradigma comum da instituição e manutenção da família funciona, portanto, como elemento norteador e mesmo facilitador da socialização no âmbito familiar.

Essa... associação pra fazer as coisas juntas, porque era assim, é... eu ajudava meu pai, meu pai ajudava minha mãe, e ela fazia tudo pra ajudar meu pai, tudo isso atrelado... e eu tenho isso como tendência mantida...

(Casal C: Marido “C”)

Maturana (1998) afirma que o emocional é fator constitutivo do ser humano, é aquilo que constitui o espaço de interação no qual ocorre a aceitação mútua pela proximidade da convivência. O amor é a emoção originária do ser humano, mas uma vez que a interação também se dá pela linguagem, os dois fatores estão associados, isto é, o amor funda a origem do humano, mas o bem-estar ou o sofrimento da convivência dependerão, fundamentalmente, do conversar.

Subcategoria: b) Ancestralidade no Ciclo de Vida da família

As narrativas dos entrevistados convergiram tematicamente para a existência de adversidades inerentes à condição humana. Tais adversidades, segundo relataram, são inescapáveis. Assim, cada família lida com tais dificuldades de acordo com a especificidade e as características próprias de seu contexto.

Entretanto, as entrevistas também confluíram no sentido de que a instituição familiar serve sempre como ponto de apoio para tais enfrentamentos, na medida em que o sentimento de pertencimento que une os indivíduos do conjunto familiar faz da família um lugar muito particular: um lugar de significação das vicissitudes e dificuldades da vida. Nesse sentido, a vida dos indivíduos assim unidos afetivamente em uma família se associa intimamente com o próprio Ciclo Vital desta família.

De acordo com Cerveny e Berthoud (2009), o Ciclo Vital de vida familiar se inicia com a constituição de uma família, ou seja, coincide com o início de uma geração e perdura até o momento da morte destes predecessores. As autoras, citando Falicov (1991), afirmam que, entre o início e seu fim, porém, o Ciclo de Vida familiar pode ser entendido em etapas por meio de alguns critérios como a idade dos pais e dos filhos, a entrada e saída de membros, ou até mesmo mudanças relacionadas a tarefas funcionais.

[...] é a partir da família que você expande, é nesse sentido que eu não sei se ela é o primeiro lugar, se eu sei classificar isso, mas eu sei dizer que ela... ocupa essa importância de ser um início e ser a volta, leva você prum lugar e faz você voltar, você nasce na família e você morre na família, você pode morrer num outro lugar fora da sua casa, mas você

morre, e aquilo, a sua morte faz sentido porque existe uma família, se não existisse faria pouco sentido, é como se você fosse um indigente, na minha opinião.

(Casal A: Marido "A")

[...] quando minha avó morreu, mostrou que nunca houve uma convergência, tá certo, simplesmente se desfazelou, e aquela família que se reunia... deixou de existir... é, nós sentimos o que aconteceu quando minha avó morreu... Mas o que eu pretendo construir pra frente em relação a isso é o que eu perdi com a morte da minha avó...

(Casal B: Marido "B")

[em choro] Eu fico, eu não tenho mais meu pai faz anos né... então foi um modelo muito bom e que sempre me dá saudade... quando ele se aposentou, pegou uma mochila de lona que eu tinha da faculdade, botou nas costas, e foi lá pros Grandes Lagos, nos Estados Unidos... depois pegou um trem, que chama trem da morte... depois foi até o México... e assim, sempre sozinho...

(Casal C: Marido "C")

Cervený e Berthoud (2009) afirmam que a chegada da velhice, no ciclo de vida de uma família, representa um processo de fechamento e de síntese para essa família. A chamada *fase última* do ciclo de vida familiar é um momento cuja particularidade é a de conferir sentido ao próprio ciclo, e eventualmente, preencher contradições e espaços que tenham ficado em suspenso ao longo da trajetória familiar.

Em geral, nesta *fase última* se acentua a grande dúvida existencial sobre a vida do homem e o sentido desta vida, bem como se acentua uma busca pelo sentido da própria família em relação à sua história e sua ancestralidade.

Subcategoria: c) O desejo em ter filhos

Os casais entrevistados consideraram o nascimento dos filhos não apenas uma forma de trazer sentido para a vida em família, mas também uma condição para a realização pessoal.

Em que pese tal fato, nossas entrevistas evidenciaram que os motivos que levaram os casais a desejar ter seus próprios filhos podem ser muito variados, embora o desejo de tê-los seja comum a todos. De um modo geral, as narrativas dos casais entrevistados com relação ao desejo de se tornarem pais foram embasadas em experiências significativas vivenciadas nas famílias de origem.

Nesse sentido, surgiram motivos como o gosto por uma família numerosa e a possibilidade de permitir aos próprios filhos que possuam mais alguém com quem contar...

[...] acho que cheguei hoje a ter três filhos porque nunca consegui me ver numa família pequena, me traz boas lembranças família grande, com irmãos, você poder contar com um, com outro, seja de uma forma boa ou ruim, né.

(Casal B: Esposa "B")

[...] a gente, desde o namoro a gente já falava em filhos... desde o namoro, eu acho que o filho, ele existe dentro da gente antes da gente gerar... eu, desde menina, quando eu brincava de bonecas, com as minhas bonecas, eu já me imaginava mãe... isso tava internalizado né... dentro de mim, então assim, eu ficaria muito triste se eu não pudesse ter filhos, isso era mais que objetivo, era um sonho né, e eu sempre quis ter dois... e eu tive né... consegui... graças a Deus.

(Casal C: Esposa "C")

[...] porque pra mim a família vai ser o ponto de encontro, porque o ponto de encontro...? Porque é ali onde você tá exercendo... a sua... ancestralidade... se não é possível de uma maneira consanguínea vai ser por adoção.

(Casal A: Marido "A")

Para Cerveny e Bethoud (2009), a fase chamada *fase de aquisição* do ciclo de vida familiar, como o próprio nome por si já designa, refere-se a um momento em que há a escolha do parceiro e a formação do casal. Isto acontece no entremeio de expectativas de novas aquisições, aquisições que envolvem não somente determinadas mudanças de papéis, mas até mesmo o estabelecimento de novos objetivos partilhados.

O casal, na medida em que adentra este período, se depara com uma diversidade de elementos inéditos em sua vida, elementos que vão desde a chegada de seu primeiro filho até a busca por conquistas materiais e espaços sociais, entre outras possibilidades. Trata-se de uma construção de vida em direção a novos rumos e que tem em vista, portanto, um novo horizonte de caminhos para o futuro.

Assim, na medida em que o casal começa a se pensar como casal, começa também a levar em conta as novas vicissitudes que a vida lhe apresenta e que têm origem no entrecruzamento de questões profissionais, patrimoniais e mesmo no campo das diferenciações que fazem em relação às famílias de origem, ao assumirem novos papéis na família atual (CERVENY e BERTHOUD, 2009).

Subcategoria: d) Família de origem: adversidades nas interações

Cerveny (2000) define que a família de origem contempla tanto ascendentes quanto descendentes, abrangendo, pois, os pais do indivíduo e os pais desses pais, sucessivamente. As entrevistas mostraram um eixo temático comum no que se refere ao fato de que, tendo em vista as experiências vivenciadas como negativas nas famílias de origem, os pesquisados evidenciaram o desejo de que o mesmo não fosse repetido em suas famílias atuais.

[...] porque na realidade eu acho que o jeito da família dele era o que eu queria pra minha... a gente tem muito mais características da família dele do que da minha... porque era uma coisa que eu gostava muito de ver aquilo, né... aquela coisa de todo mundo junto, as pessoas em casa, ficar conversando, rindo...

(Casal A: Esposa "A")

Tais experiências consideradas negativas, vividas nas famílias de origem, em geral envolvem de maneira explícita a questão da afetividade ou a têm como pano

de fundo. São aspectos da interação humana entre os membros das famílias de origem que de certa forma frustraram emocionalmente essas pessoas.

Então, o que me influenciou, foi essa autonomia da minha mãe, dessa geração da minha mãe que saiu pra trabalhar... como eu sentia falta dela quando estava em casa e ela trabalhando... não quero que o F. sinta o que eu senti na minha vida, essa lacuna, essa falta dela quando eu estava em casa e ela trabalhando... não quero que o F. sinta essa falta da presença materna.

(Casal C: Esposa "C")

Nesse sentido, os relatos colhidos revelam a existência da busca por um modelo de família aprimorado em relação ao modelo das famílias de origem. Um modelo de família menos conflituoso, que traga maior estabilidade: maior interação, união, alegria e sentido de pertencimento entre seus membros.

É bom, é bom você ter uma família grande, não sei se eu digo que é bom porque, pela falta de segurança, quanto mais pessoas envolvidas na família, é a companhia da... tragédia, se eu fosse sozinha, imagina eu e uma filha sozinha no meio daquele casal trágico, eu acho que eu não taria viva. Então eu acho que a companhia na tragédia foi muito bom pela quantidade de pessoas envolvidas... quer dizer, hoje, hoje você cria filhos de uma forma que você meio que protege, né... e eu posso dizer que não fui uma criança protegida...

(Casal B: Esposa "B")

De acordo com Petrini (2003), existe um suporte intergeracional responsável pelo fornecimento de um modelo-base a partir do qual novos e diferentes modelos de família podem vir a se estruturar e se estabelecer. Dentro disso, porém, há uma diversidade de possibilidades em virtude da diversidade de fatores sociais, culturais e ideológicos, os quais invariavelmente afetam na composição de um modelo de família.

Em alguns casos, prevalecem a cooperação, a reciprocidade, a solidariedade e a negociação; já em outros, prevalecem as disputas, a competição e até mesmo uma realidade notadamente conflituosa.

[...] a gente teve que passar pelo processo de aprendizagem, a gente primeiro precisou... olha, tem algumas coisas que são difíceis, imagina um paciente de câncer... eu encaro essa questão da seguinte forma... a gente era uma família com um câncer e não sabia que tava com câncer.

(Casal B: Marido "B")

Para Minuchin e Fishman (2003), a família consubstancia um grupo cuja estrutura e funcionamento se desenvolvem ao longo do tempo. A partir do desenrolar de sua própria história, desenvolvem-se também padrões de interação que estabelecem a dinâmica no seio da família. Isso significa que cada família sempre terá sua própria singularidade, seu padrão próprio, por assim dizer.

Nesse sentido, o padrão ao qual os autores se referem é construído a partir das características e idiosincrasias de cada universo familiar particular. Entretanto, é de se notar que as experiências que acometem esses padrões interacionais são passíveis tanto de manutenção quanto de alteração em relação àquilo que foi vivido e significado no passado (MINUCHIN, 1974).

Cervený (2000) afirma que não há determinismo nas vivências contidas na repetição de padrões de interação. Em verdade, diz a autora que o próprio sistema é seletivo no que se refere ao que será incluído em sua própria história. Entretanto, é preciso atentar para o fato de que alguns sistemas familiares podem, eventualmente, repetir padrões ancestrais sem nem mesmo notar tal repetição. Pode acontecer também que os sistemas repitam padrões de seus antepassados de forma bastante velada.

Maturana (1998) diz que podem ocorrer transformações na corporalidade dos membros do conjunto familiar, e tais transformações podem eventualmente fazer com que a família sucumba, dependendo de como sejam assimiladas. Em geral, a família pode efetivamente se desintegrar como classe caso as conversações se interrompam ou deixem de ser recorrentes na dinâmica familiar.

Subcategoria: e) O ponto de encontro ao encontro da família

Anteriormente constatamos que no campo do amor a sensibilidade prepondera em relação à racionalidade no que se refere à *felicidade de estar junto*. Isto, porém, não significa que a racionalidade seja elemento secundário, de tal modo que não tenha relevância. De acordo com nossas pesquisas, paralelamente ao sentido de união e pertencimento que a família enseja e tão importante quanto, surgiu também uma racionalidade dirigida para a constituição da família.

Diante disso, o significado de *relacionar-se*, para os casais entrevistados, revelou-se como uma noção de troca mútua dentro de uma perspectiva que pudesse ensejar maior equidade no interior do conjunto familiar. Surgiram, neste ponto, aspectos relacionadas à construção, à significação e mais propriamente à intenção da família; aspectos que se encaminharam para o que definimos como *um ponto de encontro ao encontro de cada família*.

Não se trata de um ponto de encontro bem demarcado e de alguma forma pré-estabelecido. Ao contrário, trata-se de um lugar que pressupõe a intenção de sua busca, mas aqui a busca não é busca que *revela* e sim busca que *engendra*, isto é, buscar um ponto de encontro é também abrir-se, com disponibilidade, para a construção da família desejada, o que ocorre também a partir das experiências compreendidas como negativas nas famílias de origem.

[...] nós tivemos que primeiro verificar que existe o outro lado, que existe a outra forma de a coisa acontecer, e segundo, criar uma forma pra chegar até lá, se a escada não existia porque não foi construída dentro das nossas famílias, a gente teve que construir, o que nós estamos fazendo... nós estamos criando junto com os filhos...

(Casal B: Marido "B")

É... não desistir, é... se você tem alguém do teu lado, é construir... então... se o mar vem e destrói o castelo que você construiu de areia, você constrói outro, destruiu de novo você constrói outro, e assim sucessivamente... não desistir nunca de ninguém... não desistir da união, não desistir da família... de uma certa forma, a persistência acaba fazendo com que algo seja construído, se tiver ruim, constrói de novo, tá ruim de novo, constrói de novo, cansei... não quero saber, constrói de novo...

(Casal B: Marido "B")

Nossa pesquisa mostrou que é de todos os membros da família a incumbência de engendrará-la de forma que exista o encanto pela convivência familiar. O significado do que seja *engendrar a família* foi expressado pelos entrevistados como a criação de uma entidade maior, cuja existência é indubitavelmente mais importante do que a soma das individualidades de seus membros.

Com efeito, nossas pesquisas evidenciaram, ao lado do elemento afetivo, um elemento racional que permite constatar a existência de uma *intenção deliberada em ser família*. Trata-se de uma intencionalidade voltada especificamente para a constituição do conjunto familiar. Nesse sentido, os entrevistados demonstraram que, ao lado do amor mútuo que compartilham, têm também consciência de que compõem uma família e que tal composição implica pensar em si mesmo como família. Essa leitura de si mesmo como família é feita, segundo os entrevistados, considerando-se a globalidade do conjunto constituído, o que muito se aproxima já de uma leitura sistêmica.

Vasconcellos (2002), citando Wilden (1972), afirma que o pensamento sistêmico é o pensamento que leva em conta a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Tudo isso a partir de uma contextualização de mundo em que, pelas relações e conexões entre os elementos e das relações entre as próprias relações, as possibilidades se perfazem.

É evidente a diferença fundamental entre o pensamento sistêmico entendido como epistemologia para a ciência e um pensamento sistêmico que a família apresenta de si mesma. Em que pese tal diferença, fato é que constatamos um nítido senso de grupo no interior da família, um sentido de conjunto que faz com que

os membros da família realizem a compreensão de si mesmos em termos do próprio sistema que constituem.

[...] eu não sei se eu sei classificar... é... se é o primeiro lugar, mas é o que ocupa mais espaço de... tempo meu, assim... faz muito sentido preencher o espaço com a família, né, do tempo, do pensar, das intenções... porque pra mim a família vai ser o ponto de encontro.

(Casal A: "Marido A")

[...] então toda essa relação de confiança... de... confiança que o outro tá fazendo a coisa certa, que nós vamos sair disso juntos... que o cúmplice tá lá remando o outro lado do barco, isso teve que ser construído assim... a gente construiu isso bem cedo...

(Casal C: Marido "C")

Assim, a família deve ser compreendida como um grupo que constrói significados individuais e compartilhados em um processo que cria e sustenta suas próprias realidades a partir de um enredamento de possibilidades e diversidades de experiência (MACEDO, 2008).

CATEGORIA 2

VALORES

Subcategoria: a) Dinheiro, 'status' pessoal e profissional

Os casais entrevistados mencionaram preocupações relativas ao dinheiro, ao 'status' pessoal e profissional dos filhos. Esses quesitos apareceram correlacionados em nossa pesquisa como valores considerados importantes na dinâmica familiar. Esses valores geralmente surgiram atrelados a dilemas responsáveis por causar certo transtorno familiar.

Há um incômodo patente, por parte dos pais, em relação às escolhas profissionais de seus filhos. Esse incômodo não se mostrou no sentido de que aos filhos não fosse dada liberdade de escolha ou de que os pais desejassem que os filhos seguissem as mesmas profissões que eles.

O incômodo, na verdade, apareceu a partir da expectativa que os pais nutrem em relação às possibilidades futuras de seus filhos em virtude das escolhas que esses mesmos filhos fazem. Alguns desses valores já estavam presentes nas famílias de origens dos casais entrevistados e foram responsáveis por experiências dessa ordem já no passado.

[...] eu entendo que agora é uma outra fase da vida dela, que ela tá estudando, que ela vai ter uma profissão, gostaria que ela tivesse, dentro da profissão que ela escolheu, sinceramente não gostaria de ver minha filha enfiada dentro de um departamento só trabalhando, não que eu não quero que ela não tenha um trabalho... Eu vejo hoje assim, o que que eu gostaria de ver... independente do que ela tiver, vai ser um negócio, não importa, você vai ser uma executiva, você vai ser uma diretora ali, e não uma assistente...

(Casal A: Esposa "A")

[...] eu conversei isso com a B., olha, você tá namorando, já tem um tempo, porque ela veio com uma questão do dinheiro, como é o ponto de vista do seu namorado? Porque eu acho ele estranho... pra mim, isto é mais importante ela entender a escolha do que vai ser o

casamento, se vai ser um culto ecumênico, a forma pra mim é pouco importante... não é o que vai me chamar atenção não...

(Casal A: Marido "A")

Quando eu tinha 10 anos, eu fui chamado pra tocar piano no teatro municipal de C.P., meus pais não deixaram. Eu fui chorando dizer que eu queria... e eles não deixaram... com medo de que aquilo se transformasse em uma profissão pra mim... eu tinha que ser o que eles queriam... até hoje meu pai fala ah, na adolescência fiquei morrendo de medo que você virasse músico... então por isso nunca fui elogiado... entendeu? Era um temor, era monstro, monstro...

(Casal B: Marido "B")

[...] e até hoje ele acha que a maior injustiça é o meu pai e o pai dele terem sido tão honestos... e morreram pobres...

(Casal C: Esposa "C")

[...] o que era cobrado no início do nosso casamento era que nível de vida vocês vão ter, que lugares vão frequentar? E aí, como vai ser?

(Casal B: Esposa "B")

Cervený e Berthoud (2009) constataam que os estudos são os principais valores familiares transmitidos aos filhos. Para Vasconcellos (2008), a família contemporânea tem como principais objetivos educacionais aqueles que se referem ao desenvolvimento de aptidões específicas para uma vida competitiva. Nesse sentido, em termos de valores individuais, a família de hoje busca a capacidade de competir e de superar as próprias limitações.

Vasconcellos (2008), referindo-se a Maturana, afirma que essa realidade leva a uma contradição. Em um primeiro momento, a criança interage com sua própria mãe por meio de uma relação desinteressada de compartilhamento e cooperação. Existe entrega e doação. Mas à medida que a criança se torna jovem, há uma ruptura nas

formas de convivência então aprendidas, e o jovem passa a aprender outros valores como a apropriação, a competição e a disputa.

Subcategoria: b) Tradição

Os valores tradicionais relatados nas entrevistas se situam não apenas nas famílias de origem, mas também nas atuais, e dizem respeito principalmente às questões que envolvem o gênero feminino. Assim, apareceram questões pertinentes, sobretudo à individualidade da mulher e suas escolhas, como casamento e filhos.

Vaitsman (1994) discute sobre os processos sociais que contribuíram para mudanças decisivas nos padrões de comportamento e de institucionalização das relações de casamento e família, o que alterou, de um modo geral, o nível de participação da mulher na sociedade.

Para a autora, a modernidade trouxe a reboque um conceito de cultura familiar que acentuou a esfera privada em detrimento da esfera pública. Nesse sentido, a história se encarregou de fazer com que a mulher passasse a ser vista como a encarnação dessa esfera doméstica e privada, o que ocorreu em oposição ao homem, encarnação da esfera pública. A mulher passou então a ser assimilada de um ponto de vista que mais tarde se chamaria *o patriarcalismo*.

[...] aquela história do feminismo que teve na nossa época, quando a gente era adolescente, que a mulher e o homem tinha que ser igual, uma pinóia... os filhos dependem muito mais da mãe do que do pai, isso é uma questão... biológica, tá aqui, dentro da barriga, tá aqui no peito da mãe depois, como é que nós vamos tirar essa relação? Não tem como! É biológico... então como é que nós podemos nivelar o homem com a mulher em termos profissionais? Não tem como! É isso que acabou ficando óbvio na nossa relação... se a gente coloca uma mulher num papel... cem por cento fora de casa, quem vai dar o peito pra criança? Essa criança vai viver do que?

(Casal B: Marido "B")

[...] e aí, quando a gente começou a namorar, que ele começou a frequentar a minha casa, eu tinha muito medo, porque meu pai era uma pessoa muito rigorosa, meu pai era uma

pessoa que assim, não admitia certas coisas né... e eu achava que, nossa, ele ia brigar comigo se ele soubesse que eu tava com outro homem em casa, apesar de já ser separada...

(Casal A: Esposa "A")

Bom, pra mim, o que vejo como futuro deles é... fazer provavelmente uma graduação e... casar... daí pra frente é o que eles quiserem.

(Casal B: Esposa "B")

Eu tive uma educação muito rígida, por conta do meu pai... não podia usar roupa muito curta, não podia chegar tarde, namoro só em casa, então... Meu pai não deixou eu prestar nenhum vestibular fora de C. ... ele falou se você não passar em nenhuma faculdade daqui você vai fazer cursinho... qualquer coisa, mas prestar vestibular fora eu não deixo...

(Casal C: Esposa "C")

Para Cervený e Berthoud (2009), aspectos como a religião, o casamento como mantenedor da instituição familiar, o marido como provedor da família e a mulher responsável pelas questões que envolvem a domesticidade são aspectos estruturantes da família. Entretanto, a pesquisa das autoras também mostra um aumento acentuado nos níveis de escolaridade profissional da mulher, que aos poucos aumenta sua participação na vida pública e, como consequência, colabora no orçamento da casa.

Macedo (2003) afirma que, ao contrário das argumentações no campo da medicina, da filosofia e da religião, pode-se notar que as mulheres conduzem um processo (lento) rumo a um novo ideal, com novas perspectivas para seu gênero.

Subcategoria: c) Destradicionalização

As entrevistas mostraram a existência de rompimentos relacionados a questões socialmente estabelecidas. Nesse sentido, o casamento, concebido dentro dos preceitos tradicionais, se mostrou alterado a critério do casal.

Samara (2002), Petrini (2003), afirmam que a família concebida a partir do patriarcalismo, a qual dessa forma ditava o padrão de funcionamento das relações sociais, sucumbiu. A atualidade tem visto surgir um novo modelo de família, ou melhor, a diversidade de possibilidades acerca de novos modelos de família. Hoje se acredita que viver bem não depende de um padrão específico e bem determinado, de modo que a definição de *família pós-moderna* é, na verdade, a afirmação da possibilidade de coexistência de múltiplos e distintos arranjos.

[...] como a gente não casou, a gente começou a namorar e aí foi ficando, de repente a gente já tava morando junto, então foi... aconteceu assim... foi muito natural, e quando eu fiquei grávida também, foi muito natural, não teve aquela coisa de meu Deus, mas a gente só é namorado, a gente nem tá casado, nada... também não teve essa preocupação de mas como é que eu vou formar uma família, agora eu vou ter um bebê, porque pra mim família já existia e eu tava pronta pra receber um bebê... A gente não teve nenhum ritual de início de uma família... de um casamento...

(Casal A: Esposa "A")

É... a gravidez veio... num momento assim... um susto... ele tava passando por... um... início de carreira... inicialmente não foi envolvido o casamento, eu tive um momento na vida que eu tive muito tempo pra pensar... em... em ter essa filha sozinha... e constituir uma família... a gente tem todas as possibilidades... eu pude, de certa forma, comigo mesma, no meu íntimo, é... saber... que eu era um ser único, principalmente, a minha individualidade... parecia que eu era uma pessoa livre... e eu olhava tudo... eu via casais que tinham casado, sem ter filhos... que tavam viajando, curtindo o início do casamento... eu via casais que tinham casado, com um monte de filho, e se separando...

(Casal B: Esposa "B")

Outra coisa é a namorada dormir com o namorado na casa da gente... quando que eu fiz isso.

(Casal C: Esposa "C")

Cervený e Berthoud (2009) afirmam que, entre os valores que são menos evidenciados dentro das famílias típicas da classe média, estão valores que dizem respeito à virgindade antes do casamento, ao nome da família e ao fato de que os filhos não precisam mais desempenhar necessariamente a mesma profissão de seus pais.

Scabini (1998); Scabini, Donati (1995); Donati (1998) citados por Petrini (2003) afirmam que, no âmbito social, a família possui a capacidade de se adequar ou mesmo de reagir a regulamentos externos. Nesse sentido, os modelos tradicionais de família, aqueles em que ocorria a primazia do marido em relação à mulher e que reservavam a essas essencialmente a esfera doméstica, estão sendo abandonados. Ao mesmo tempo, a relação entre pais e filhos concebida sob os moldes da autoridade e disciplina, relação que acentua a dimensão institucional da convivência familiar, está igualmente caindo em desuso (PETRINI, 2003).

CATEGORIA 3

RITUAIS

Na presente pesquisa, os rituais familiares foram narrados pelos casais mediante lembranças vivenciadas em suas famílias de origem e em gerações anteriores a esta. Os rituais familiares geralmente são representados como lembranças de familiares maternos e paternos, bem como de membros da família mais extensa. Foi possível apreender, de maneira distinta, a dimensão dos rituais familiares nos contextos específicos das famílias de origem de cada entrevistado, o que nos possibilitou ampliar o nosso olhar sob o ponto de vista também da construção dos rituais na interface com a conjugalidade.

Costa (2014, p. 88) define rituais familiares como “práticas prescritas que resultam da interação familiar, direcionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico”. Permanece, porém, uma dificuldade na definição do que são rituais, pois rituais são atividades diferenciadas de atos meramente ordinários, sendo difícil estabelecer, em muitos casos, a fronteira entre um e outro.

Ritual era visto como um agente promotor de estabilidade intersubjetiva e fornecedor de um local controlado e seguro para resolver problemas pessoais e sociais e validar a estrutura social atual (Comstock, 1972). (...) Ao mesmo tempo em que o ritual marca a ordem social, ele pode transformar e até mesmo destruir a estrutura social e estabelecer novas normas e novas tradições. Portanto, o ritual pode não somente *marcar* uma transição, mas também *fazer* a transição ao mesmo tempo. (ROBERTS, 1988p. 13, 14, tradução nossa)¹³

Diante do que foi relatado nas entrevistas, nas especificidades trazidas pelos casais em torno dos rituais vividos nas famílias de origem surgiram aspectos vivenciados como positivos e aspectos vivenciados como negativos. Também surgiram aspectos que foram preservados e mantidos hoje, na família atual.

Os aspectos positivos se referiram aos dias especiais, como o almoço de domingo, as festas de aniversário e as grandes comemorações (como o dia de Natal), e também se referiram ao cotidiano. Foram estas as maiores expressões de

¹³ “Ritual was seen as promoting intergroup stability, as providing a controlled and safe place to solve personal and social problems and validating the ongoing social structure (Comstock, 1972). (...) The same time that ritual is marking social order, it can transform and destroy social structure and establish new norms and new traditions. Ritual can therefore not just *mark* a transition, but also *make* a transition at the same time”.

lembranças felizes e significantes. De acordo com Cervený e Berthoud (2009), o Natal é concebido como a “grande festa”, e os almoços aos domingos com os parentes são rituais familiares tidos como valorizados e preservados em nosso meio.

Em relação ao cotidiano rememorado, a hora das refeições traz momentos de prazer em família; são relatos que contemplam memórias afetivas em função dos cuidados maternos acerca do preparar e do servir os alimentos; essas ocasiões, segundo os entrevistados, retratam o bom momento da convivência familiar.

Por sua vez, já com relação aos aspectos vivenciados como negativos nas famílias de origem dos entrevistados, surgiram relatos sobre momentos de desprazer em refeições, o que se deu ou por conta de diálogos conflituosos e brigas dentro da família ou então por um sentimento de não pertencimento ao próprio conjunto familiar ao qual se estava vinculado.

Diante do exposto, os rituais vivenciados como positivos nas famílias de origem foram, em geral, mantidos nas famílias atuais, enquanto que os rituais vivenciados como negativos nas famílias de origem não o foram.

Subcategoria: a) *Vivenciados como positivos na família de origem*

- Itens específicos:

a1) *Dias especiais, festas de aniversário e grandes comemorações*

A presente pesquisa trouxe, nas narrativas dos casais, lembranças de momentos vividos junto às suas famílias de origem; dentre essas lembranças, existem memórias de lembranças positivas, experienciadas principalmente em dias especiais como o almoço do domingo, as festas de aniversário, e as grandes comemorações (nas entrevistas, a grande comemoração relatada foi o dia de Natal).

As lembranças descritas aconteceram em momentos diferentes na vida dos entrevistados, memórias da infância se entrelaçam com as da vida mais adulta; temos assim memórias mais recentes e memórias mais longínquas.

Dentro do contexto próprio de cada família, os rituais em questão foram lembrados com muita nostalgia em torno de um “templo sagrado da família”. Foram momentos vividos de grande alegria em virtude de proporcionarem a possibilidade

do compartilhamento afetivo entre os membros da família. Foram momentos, portanto, carregados do sentimento de pertencimento e união em relação ao conjunto familiar. O ritual, nesse sentido, foi relatado como o grande facilitador dessas experiências positivas.

As falas dos entrevistados mostraram certa exaltação em relação a algum membro da família. Geralmente algum pai, alguma mãe ou até mesmo um dos avós se encarregava de fazer com que esses momentos de interação acontecessem. Assim, já notamos aqui uma primeira intenção por parte de um membro da família em unir seus integrantes em torno do fenômeno do ritual.

Bom... nós éramos em quatro, eu, meu pai, minha mãe e minha irmã, é... papai trabalhava muito... Só tinha uma coisa que ele gostava muito de fazer domingo, pegar a gente e ir almoçar em... beira de estrada, ir almoçar no interior, e a gente curtia muito isso.

(Casal A: Esposa "A")

[...] nós tínhamos o hábito de almoçar na casa dos nossos avós paternos, e aí eu lembro que chegava lá, a gente não levava brinquedo, nada, aí a minha avó fazia umas bonequinhas com batata... ela pegava guardanapo, punha na batata, assim... e fazia a cabeça, a batata era a cabeça da boneca, e aí ela costurava, fazia olhinho, narizinho, tudo bordando, né... e aí a gente brincava com aquela boneca o dia inteiro, depois... passava o domingo lá com eles, depois ia embora.

(Casal A: Esposa "A")

[...] tem que pôr todo mundo mão na massa, é... mas a gente gostava desse pôr a mão na massa, era uma forma de estarmos juntos... eu lembro de festas, então a minha mãe fazia cajuzinho e todo mundo descascava lá o amendoim, e tava todo mundo junto fazendo...

(Casal A: Marido "A")

[...] independente das coisas que existiam e que tinham a família, tava tudo lá... por mais superficial ou não, tem alguém do teu lado ali que tá próximo a você... é uma coisa que depois que minha avó morreu, a distância que nós acabamos tendo do meu tio P. foi quilométrica... a divergência que existe, por exemplo, dentro dos familiares, meus tios, não

impede que eles convivam entre si no final do ano... e aquela família que se reunia naquele período... pelo menos a gente encontrava os primos, conversava e tinha uma relação...

(Casal B: Marido "B")

[...] a avó dele não tinha medo... ela ia e falava, 24 pra 25 aqui... ela não perguntava, ai, será que a sua mãe vai ficar triste...? Não não não, não tinha pergunta... minha ceia eu vou fazer e quero todo mundo aqui, vai ser linda, maravilhosa...

Casal B: Esposa "B")

[...] mas ela era uma pessoa alegre também, divertida, contava piada... gostava da casa cheia... os parentes tavam sempre lá, levava os amigos, fazia bolo... ela curti essa parte... as lembranças que eu tenho são dessa parte mesmo... dela organizando o Natal, fazendo bolo pra nós... recebendo os parentes... sempre a casa arrumadinha, caprichosa... sempre preocupada...

(Casal C: Esposa "C")

[...] as lembranças são de passeios com meu pai domingo, passeios funcionais, porque a gente ia na feira, carregava sacola depois de fazer compra pra semana toda, pra deixar a casa abastecida, tá certo, então esse tipo de coisa que fazíamos juntos, passamos muito tempo fazendo feira, passeios, mercados, e preparava um monte de coisa na casa, ajudava... então sempre teve essa noção de família como um trabalho unido... todo mundo fazendo as coisas com todo mundo...

(Casal C: Marido "C")

a2) O cotidiano

Nas narrativas dos casais entrevistados, o cotidiano também faz parte de suas memórias; nestas narrativas, os momentos das refeições se apresentam como experiência partilhada em família; momentos, portanto, de extrema importância. Trata-se de memórias afetivas trazidas da convivência diária que tinham com seus familiares, das regras relacionadas aos horários das refeições e dos cuidados

maternos em relação à preparação dos alimentos, como almoços, cafés, jantares, e mais uma vez, também temos a questão da união, como um momento de alegria e pertencimento em torno desses ritos diários.

[...] me faz lembrar, era uma casa cheia... é... era uma casa que meu pai almoçava em casa, ele era um profissional liberal, um O., então... tinha... era uma casa muito regrada nessa coisa do café da manhã, do almoço em casa, é... aí o café da tarde, e a janta... existiam mesmo esses movimentos e tinha horário... então a gente tinha rotinas assim muito claras de comer, né... de convivência, né... ahm... e... sempre estávamos muito juntos, eu não me lembro de uma família dispersa...

(Casal A: Marido "A")

É, não é só estar ali na hora de comer, é porque é toda uma adoração, então eu acho que, por isso que a minha mãe conseguia fazer isso, e a gente tinha sempre muita gente em casa, porque era uma adoração do tempo a serviço do outro, é... mas de uma maneira prazerosa, não era assim, ah, uma obrigação, nada disso... e não era nada prático, né... então a minha mãe ia fazer biscoito... tem todo um cuidado em servir o outro, né... de levar alguma coisa de você para o outro... essa talvez seja uma diferença... é um servir, mas sem estar submisso... é um servir, muito pelo contrário

(Casal A: Marido "A")

[...] minha mãe sempre trabalhou muito em casa, fazia pão, roupa pra gente... ela não precisava ir comprar nada no mercado durante uma semana... a casa tava abastecida, tinha arroz, feijão, cebola, sal... farinha, ela fazia pão em casa... e ele sentava de um lado e eu do outro e a gente catava todo arroz e punha numa lata... na hora de fazer era pegar o arroz e jogar, lavar e jogar na panela... então tinha essa noção de que você tá fazendo coisas todas linkadas pra... o arroz que você come, é fruto já do retorno do que você mesmo foi comprar, escolheu, guardou, a mãe cozinhou... então essa coisa...

(Casal C: Marido "C")

Subcategoria: b) Vivenciados como negativos na família de origem

Os rituais vivenciados como negativos nas famílias de origem relatados geralmente se referiram a momentos de refeições nos quais havia certa tensão. Nestes casos, mostrou-se comum a ocorrência de conflitos em família, o acirramento de disputas, ou o sentimento da não união, da exclusão, de um certo incômodo, o que tornou desprazerosa a memória de tais momentos.

Os casais mostraram trocar essas experiências individuais entre si, e dessa forma mostraram igualmente apoiar-se mutuamente, reconhecendo a dificuldade e a tristeza do outro.

É, porque em casa era assim, faz o café da manhã, tira a mesa mas deixa um pedacinho, porque alguém ainda não tomou, tal... então até esse alguém tomar, já tá preparando o almoço... a gente até comia junto, mas é diferente, porque na casa dele, “o almoço está pronto, está na mesa”, todos sentavam na mesa pra almoçar, em casa não era muito assim.

(Casal A: Esposa “A”)

[...] eu acho que é essa a diferença entre a família dele e a minha... na minha assim, ah... Natal, a comida tá lá... tô com fome, vou lá e como, não existe essa coisa de não, “vamo esperá todo mundo, vamo sentá todo mundo junto”, não, eu faço meu prato e vou comer... na casa dele não...

(Casal A: Esposa “A”)

Esse ano né, Natal desse ano, que as minhas irmãs vieram... a gente só comeu quando todo mundo tava na mesa.

(Casal A: Marido “A”)

Na minha família a gente comia separado... os pais ficavam numa outra sala, a gente ficava na copa. A sala de jantar era exclusiva deles... na minha família só depois que você tem maturidade, sabe, comer à mesa, você vai comer à mesa junto com os pais... eu fui ter algum contato com meus pais conversando numa mesa depois de quando já tava com

quinze, dezesseis anos, antes disso a gente era separado... não havia esse negócio de sentar junto todo mundo...

(Casal B: Marido "B")

Muito pouco, muito pouco e quando se sentava era conflito... engraçado que a gente se sentava à mesa pra debate, pra brigas, a gente tinha o uso de sentar na mesa pra brigar... eu acho a minha família muito conflituosa diante dos parâmetros de normal, e a do meu marido também... nós trazemos uma bagagem, tanto eu quanto ele, muito pesada, então como deixar isso mais leve?

(Casal B: Esposa "B")

Subcategoria: c) Rituais repetidos na família atual

Itens específicos:

c1) *Dias especiais, festas de aniversário e grandes comemorações*

Os dias especiais como festas de aniversário, e as grandes comemorações como o Natal e o Dia das Mães, são revividos nas famílias atuais com relatos de serem momentos significativos em família. São, portanto, preservados e atualizados para que aconteçam de acordo com as expectativas atuais dos casais.

Nestas expectativas, as formas de realizar esses rituais eventualmente apresentam mudanças significativas que se mostram de maneira construtiva na interrelação com suas famílias de origem. Nesta atualização do ritual surgiram ressignificações na interação com os familiares de origem para os casos em que tivesse havido alguma forma de conflito entre estes e o membro do casal.

Assim, do ponto de vista da conjugalidade dos casais entrevistados, os rituais celebrados e compartilhados são fruto de reflexões e de constantes ressignificações, seja com relação às famílias de origem de cada um, seja com relação à família atual que constituíram. Há um caráter de construção contínuo.

[...] e tanto que depois de um tempo a gente começou a fazer a ceia de Natal em casa né... a gente falou ah então vamos fazer na nossa, então a gente passou a ter a ceia de Natal em casa... que a gente fazia exatamente isso, arrumar a mesa, enfeitar, colocar a comida na mesa, sentar todo mundo no mesmo momento, conversar, e... e esse ano que as irmãs dele vieram passar o Natal assim, foi assim, foi gostoso... um momento em que fica todo mundo na mesa, reunido, conversando, isso é gostoso... então é uma conversa gostosa, que você fica horas conversando e aquilo é agradável...

(Casal A: Esposa "A")

Mas assim, por exemplo, o ir pra casa dos avós, tem uma certa... não é rotina, mas tem por exemplo, a gente não deixa de ir, tem um ritual do dia das mães... Melhorou... eles sabem que a nossa família vai todo mundo pra mesa, até a pequena, que já sabe comer sozinha, então a mesa ficou grande... não tem como...

(Casal B: Esposa "B")

Então, que nem, essa questão de afetividade, que a minha mãe era afetiva com meus filhos, a minha sogra não é... a gente falou assim, vocês querem ir pra C., na casa da avó...? Eles não querem... a gente discute muito isso, mas eu sempre incentivei eles a ligar no aniversário dela dando os parabéns... vamo gente, vamo ligar pra vovó... que nem, minha sogra vai chegar amanhã, ela vai visitar a gente...

(Casal C: Esposa "C")

Então tipo assim, a vó vem, nós vamos fazer um lanche da tarde, os meninos ficam... ah a vó vai chegar, mãe... eles largam o que eles tão fazendo... eles fazem sala, um pouquinho, vocês não precisam ficar 3 ou 4 horas com a gente, é torturante né... assim, senta, conversa com a vovó, dá uma atenção, eles acatam a gente...

(Casal C: Esposa "C")

c2) O cotidiano

Nas relações diárias das famílias atuais dos entrevistados, o ritual também toma forma no momento das refeições, narrado como momento que proporciona um contato maior entre os seus membros. As refeições continuam como principal meio de unir a família. É em torno da mesa que os casais relatam ocorrer o momento da conversa prazerosa, do diálogo, do estar feliz por estarem juntos.

Quando não é possível reunir todos, em virtude de atividades como o trabalho profissional, viagens ou estudos dos filhos, as famílias demonstram certo pesar. Contudo, permanece a intenção de unir todos à mesa, assim que possível.

A presente pesquisa mostra que esse ritual diário, nas famílias atuais, traz em seu âmago ações e memórias necessariamente construídas nas famílias de origem. Esse ritual é entendido como fundamental para manter o enlaçamento afetivo que a instituição familiar pressupõe.

Eu percebo que nisso, daquilo que eu trouxe, né... não é só o tomar o café de manhã, é você ter o prazer de servir ao outro... então tem essa coisa de fazer um café pro outro... né... e... é... sem que isso seja um ritual romântico, porque não é um ritual romântico, já tem vinte e alguns anos... e não tem também uma praticidade né, é um servir o outro mesmo... porque a gente acha isso legal, eu não sei de onde, se foi da minha mãe ou do meu pai, mas a gente acha isso legal, eu vejo que a minha irmã, quando ela põe o almoço na mesa, tem essa característica, de estar servindo o outro, não tem muita praticidade, ah esquento você mesmo no microondas, eu acho que é diferente isso...

(Casal A: Marido "A")

...acho que aqui em casa, pelo menos assim, na minha opinião, a gente tem muita coisa da família dele, então essa coisa de, ó... acabou o café, não é que assim, quem comeu, comeu, quem não comeu fica sem, não é isso, mas... é mais definido isso, né, não fica essa enrolação de comer o dia inteiro, é... a questão religiosa, né... também... é da sua família... a questão da união eu acho que é mais da família dele, essa coisa de a gente fazer questão de pelo menos uma refeição estar todo mundo junto...

(Casal A: Esposa "A")

Assim, agora a gente tá vivendo um momento um pouco diferente em função da idade da B., né, mas... enquanto ela... tava com a gente direto, eu acho que a gente tinha muito isso de assim, o café da manhã era todo mundo junto... hoje, com a B. longe, apesar de não ser tão longe, já é mais difícil a gente conseguir isso... né... porque ela tá na casa do C., ou tá lá em G., então durante a semana não... consegue mesmo não, só é eu e ele.. e final de semana depende de ela estar aqui ou não...

(Casal A: Esposa "A")

É, metade ele tá e metade não tá, então eles têm rituais... eu não sei se a gente conduziu e eles abraçaram, não sei como é que foi... o S. tando em G., trabalhando... então vamos tomar café da manhã juntos, vamos almoçar juntos sempre que possível, a gente sempre torna isso possível, e vamos jantar juntos, até a petítica, não, não tô com fome, vou esperar meu pai, ah alguém quer, não, vamos esperar, então nós temos esses rituais de fazer as refeições juntos, e aí sai, um fala o outro fala... enquanto isso vamos almoçando... Quando ele não está a gente...se junta da mesma forma, e aí fica aquela coisa, quando é que o papai volta... fica aquela mesa faltando um, né... então eles sabem que ele tá trabalhando fora...

(Casal B: Esposa "B")

Meu pai é descendente de italiano, então juntar a família em volta de uma mesa é... mais que orgulho, acho que é necessidade... então assim... pode ser qualquer pessoa, o pintor que tá lá pintando, meu pai punha pra comer com ele, e era aquela mesa farta... bastante coisa... muita sobremesa...

(Casal C: Esposa "C")

Tem essa história do caráter... da família unida... da comilança... uma cultura de comer muito grande, a gente tá comendo, aí sempre vem a pergunta e amanhã, o que a gente vai comer? Tá servindo a sobremesa do sábado e tão perguntando do domingo... mas isso eu vejo na minha mãe, na sua mãe... A gente preserva, e as vezes acontece, o próprio... de treze anos, ele gosta quando eu faço assado, então as vezes ah, mãe vamo ficar em casa,

*pai, faz um assado, aquela cultura, então ele vem, já ajuda... pouco né, arruma a mesa...
ficamos juntos, fazendo as coisas... então essa parte da cultura ficou...*

(Casal C: Esposa "C")

CATEGORIA 4

ASPECTOS DA CONTEMPORANEIDADE QUE DIFICULTAM AS RELAÇÕES NA FAMÍLIA ATUAL

Subcategoria: a) A tecnologia

Nas falas dos casais entrevistados, a tecnologia hoje é vista como uma possibilidade de unir a família, mas é também uma possibilidade para a desunião. Pelo fato de os pais exercerem suas atividades profissionais em outros estados ou mesmo em cidades distantes, o aparato tecnológico tem colaborado para encurtar distâncias e diminuir a saudade que a família possa sentir entre seus membros. Mas mais do que isso, a tecnologia traz a presença daquele membro distante para o convívio familiar de forma virtual, colaborando também na resolução das dificuldades do dia-a-dia.

Os casais também contaram que, muitas vezes, em virtude da correria no dia-a-dia, o lugar da conversa, do diálogo, é deslocado, e acontece até no trajeto, dentro do carro. Embora estes casais demonstrem boa relação com a interface tecnológica no âmbito das relações familiares, eles também narram sobre suas indignações vinculadas ao fato de lidarem com o que eles chamam de *impacto entre qual seria o limite do público e do privado no ambiente familiar*. Assim, esses casais demonstraram, por meio da pesquisa, suas dificuldades em buscar respostas para estes limites. Além disso, demonstraram ainda serem reflexivos perante as escolhas daquilo que julgam dever reverberar em suas famílias.

A partir deste campo reflexivo, os pais perceberam que os filhos sofrem influência de formas de relacionamento, formas que os afetam não apenas no contexto doméstico da casa, mas também socialmente. São jovens mais individualistas, dizem os pais, e afirmam também que seus filhos não lhes dão tanta atenção – *em termos de densidade e conteúdo*, nas palavras de um dos entrevistados.

Então... as tecnologias vão pra outras tecnologias, celulares e outras coisas mais... a gente foi achando formas de conversar... na minha cabeça, existe a hora do carro, que é assim... olha, se não deu falar em casa, a gente vai ter algum trajeto de carro, e agora tamo os dois, os três, vai ter um lugar da conversa... mas eu acho que a tecnologia, ela não conseguiu afetar a nossa família sob o ponto de vista dos encontros...

(Casal A: Marido "A")

É, agora assim, com certeza, todas essas tecnologias e essa praticidade, elas existem e a gente usa... né... tudo que existe aí a gente usa, agora... o que a gente, vindo pra M., uma coisa que eu pedi, que lá em R., a gente tinha assim, tinha televisão no quarto da B. e televisão no nosso quarto, não tinha televisão na sala... aí eu falei, a gente vai mudar, eu não quero mais isso, eu gostaria de ter televisão na sala... eu gostaria que a gente ficasse mais tempo junto.

(Casal A: Esposa "A")

Primeira coisa é o impacto entre qual que é o limite do privado e do público... o que que é o ambiente privado na nossa família exatamente, onde tá esse limite? Você tem a demanda interna e tem a externa, na realidade, o que eu digo é que se você internamente na família lida com a questão de uma forma um pouco mais amena, como se fosse mais cotidiano, não faz o drama, ensina que algumas questões, como a sexualidade, isso deixa de ser um problema, deixa de ser uma procura desenfreada...

(Casal B: Marido "B")

[...] o meu prato da rotina... é proporcionar que eles cresçam com uma estrutura de alguém perto pra conversar... pra voltar da escola e reclamar, porque tem... eu já começo no carro... e aí?... aí a B., minha sala ficou pequena, mas eu acho que tá mais fácil de administrar... e até a pequena, a pequena quer falar também...

(Casal B: Esposa "B")

[...] eu confesso que eu fiquei, meu deus, que que eu faço com essa interferência dentro de casa... esse monte de gente conversando com a minha filha?... e assim, quando ela fez a página dela, ela já foi pra trezentos amigos, eu falei nossa, se a gente der uma festa não

tem tudo isso... e eu vi que os amigos se deslocaram do físico de dentro de casa pro online... e essa mudança eu tive que me adaptar com isso... Isso então é assim, é um movimento que, eu pensei... e nós vamos ter que nos inteirar pra que esse mundo, nós possamos tirar dele o que há de melhor e descartar o que há de pior... é esse o processo.

(Casal B: Esposa “B”)

[...] então hoje eu tô lá em N., e uma ou duas vezes por semana eu tenho vídeo-aula por skype com o filho, tem lição de matemática... vamos fazer pelo skype, tô longe...

(Casal C: Marido “C”)

[...] propor a própria tecnologia pela facilidade da tecnologia gera uma... gera um contato mais tênue... um contato facebook... você posta lá pro mundo inteiro, e o contato familiar também ele é assim... a gente sentiu isso... os relacionamentos são muito mais leves, em termos de densidade de conteúdo...

(Casal C: Marido “C”)

A gente sente falta dos meninos cuidando da gente, por conta dessa tecnologia... porque eles também dão um pouco de atenção as vezes, mas não como a gente deu pros nossos pais... eu sei que eles gostam da gente, mas eles não curtem a gente... são individualistas... parece que é uma discrepância muito grande da nossa.

(Casal C: Esposa “C”)

De acordo com Giddens (1991), a modernidade marca um período em que o nível de distanciamento tempo-espaco é o menor já registrado em toda a história humana. Este fato transforma as relações sociais com tamanha veemência que a compreensão deste inédito formato sócio-histórico pode se tornar uma complicação. Singly (2000) reitera a dificuldade na compreensão das mudanças ocorridas na contemporaneidade, na medida em que há uma série de pontos contraditórios e paradoxais, que afetam a interpretação e com isso também a delimitação das esferas públicas e privadas.

É nesse sentido que Giddens (1991) identifica, na vida social moderna, a existência do que ele designa por “reflexividade”. Para o autor, viver na modernidade

implica a realização de um exercício constante de exame – e ao mesmo tempo reforma – do conhecimento sobre os mais diversos aspectos da vida, como as práticas sociais, os valores, dentre outros. Considerando a intensidade do fluxo de informações que a tecnologia possibilita em escala global, é preciso, pois, repassar constantemente as “certezas” que se retêm, as quais em geral deixam de ser “certezas” no sentido substancial do termo, para se tornarem “inquietações”.

Subcategoria: b) Parentalidade e individualidade dos filhos

Os pais relataram sobre dificuldades que tiveram no momento em que os filhos deixaram o ambiente estritamente doméstico, de convivência mais restrita ao meio familiar, para iniciar uma vida social, com envolvimento de namoro e primeiras experiências sexuais – o que se deu precocemente, segundo eles mesmos afirmaram.

Em que pese o contexto particular de cada família no que se refere à questão do maior ou menor rigor quanto às suas concepções de valor, permissividade ou autoridade, fato é que, nos relatos dos entrevistados, surgiram expressões de aversão e estranheza. Os casais narraram que eles mesmos vivenciaram de outra forma este período da vida que seus filhos hoje vivem, ou seja, a forma como os filhos hoje o fazem traz para os pais certa inconformidade.

O início de envolvimento íntimos, como o beijar e as relações sexuais aos treze ou quatorze anos, ou mesmo o namoro sério dos filhos ainda jovens, é algo que incomoda esses pais. No entanto, em seus relatos afirmam também a vontade que têm de que seus filhos vivenciem estes primeiros passos, em direção à idade adulta, com certa liberdade.

A liberdade foi conceituada pelos entrevistados como aquilo que é necessário ao discernimento que desejam que seus filhos venham a ter quanto às suas escolhas. Nesse sentido, os pais veem a liberdade como um ensinamento a ser transmitido.

Alguns entrevistados demonstraram em suas falas o medo de perder seus filhos, caso não sejam permissivos o suficiente, e por isso realizam uma série de concessões que não gostariam. Os pais acabam por aceitar alguns elementos socialmente constituídos, compreendendo que, caso não compartilhem com os filhos

os desejos destes, eles os concretizarão fora de casa, muitas vezes em ambientes não seguros ou hostis.

Existe, assim, certa aceitação dos movimentos e comportamentos sociais dos filhos, mas se trata de uma aceitação que gera angústia. Os pais apostam no diálogo franco e aberto e em última instância, quem vai dar a palavra final serão os filhos, dizem os pais. Esperam no entanto que essas decisões sejam acompanhadas de responsabilidade em função das consequências futuras que os pais temem, dados os seus valores pessoais.

Pra mim foi muito difícil... o início da vida dela social, com namorinho, foi muito difícil mesmo... essa coisa de... vai pra... balada e beija um monte... então a gente ia buscar... vinha tudo com a gente, e elas comentavam “ah, você beijou fulano”, fulano, a beijou aquele loirinho, “ah eu também beijei”, “beija bem, não beija”... e... elas vinham comentando... aí depois quando ela falou que transou, nossa, meu mundo caiu...

(Casal A: Esposa “A”)

[...] aí depois ela começou a namorar o C., quando isso aconteceu, o pai dela sempre falou, eu não quero ninguém dormindo aqui... eu pensava assim... bom, transar eles transam... ela vai fazer mas vai ficar na casa dele... e aí a minha filha vai se afastar da gente, então o que que eu posso fazer pra que isso não aconteça... no escorregão, um dia a gente tava tomando café, e a gente viu que o carro, era domingo de manhã, e o carro dele tava aqui fora... “o C. dormiu aqui? Acho que dormiu, o carro tá aí”, aí falei pra ele, a B. te pediu?”, “Não, pra mim não”, “Nem pra mim”, aí de repente ele passa aqui atrás “Bom dia, bom dia, tchau”, foi embora...

(Casal A: Esposa “A”)

[...] me preocupa assim... o fato de ela ter perdido algumas referências, e eu não acho isso muito justo de acontecer... assim, eu acho que isso te cobra um preço muito grande lá na frente.... eu não gostaria que a B. perdesse esta característica de liberdade

(Casal A: Marido “A”)

[...] ela escutou grupinhos perto da carteira dela descrevendo como era o tamanho do sexo do menino... fazendo piadinha a respeito, que o outro, do outro final de semana era mais... como é que era... mais animador... e desprezando aquele menino que tinha acabado de ficar na noite anterior... então ela ficou assim, chocada... eu falei nossa, eu sou uma mulher de 45 anos... e a menina assim, descrevendo o sexo do menino como se fosse um objeto que ela usou, fez piada em cima e jogou fora... eu acho que eu me assustei junto com a B. parecia que a gente tinha jogado ela dentro de um bordel...

(Casal B: Esposa "B")

...eu falei, ó, não tem como colocar numa redoma de vidro, pela idade dela eu falei..., tive que ter minhas próprias experiências... por exemplo, você colocar uma planta pra um jardim, ela precisa de uma aclimação, ela precisa entender aquela quantidade de luz diferente, aquela quantidade de água diferente, pra conseguir sobreviver... depois que ela entende, ela vai e se desenvolve... se você abre aos poucos, você vai conseguindo fazer com que essas diferenças comecem a entrar e ela mesmo elabore essa diferença.

(Casal B: Marido "B")

[...] eu percebi em uma conversa com a B., ...que ela tava querendo ter uma relação mais profunda com o namorado... ela falou que o negócio, que a barra tá difícil aguentar, então que tal botar essa menina dentro de uma ginecologista, certo?... de repente as consequências desse levar e acontecer alguma coisa fossem muito menores... ela já dormiu na casa do menino, ele já dormiu em casa, já foram para um monte de casa...

(Casal B: Marido "B")

[...] veja o que acontece... no caso, se ela... se as opiniões são divergentes, mas ela não foi nem prum lado nem pro outro, a gente acaba entendendo que... se existe uma divergência entre a gente, ela não necessariamente vai pegar a parte de um ou de outro, ela vai ter liberdade pra pegar a própria opção.

(Casal B: Marido "B")

Outra coisa é namorada dormir com namorado na casa da gente... quando que eu fiz isso... os pais estão montando o quarto do filho de solteiro com cama de casal... Se a gente não faz alguns ajustes, a gente perde o bonde... eu não posso manter rigidez como o meu pai teve comigo nos dias de hoje... se eu não abrisse um pouquinho assim... se eu não cedesse a alguma coisa, meu filho se afastaria de nós... talvez eu perdesse... nem perder o filho, mas... ia abalar o relacionamento... é uma onda que se você não surfar, você é engolida...

(Casal C: Esposa "C")

[...] aquilo até que a gente se ressentiu e que os pais impunham, um degrau entre pais e filhos, nós somos os pais, vocês são os filhos, causou na nossa geração que a gente eliminasse esse degrau... então a gente trata o filho como igual pra várias coisas... agora a gente fica ressentido porque... nós eliminamos o degrau, porque a gente achava que o degrau era muito grande...

(Casal C: Marido "C")

Como se vê, as entrevistas trouxeram relatos de problemáticas relacionadas tanto à entrada dos filhos na adolescência, quanto no caminho destes filhos em direção à fase adulta. Cerveny e Berthoud (2009) afirmam, em relação ao Ciclo de Vida de família, que a *família adolescente* se caracteriza pela entrada dos filhos neste período do desenvolvimento; em virtude disto, os filhos se tornarão mais questionadores em termos dos valores e das regras estabelecidas no interior da família, e a família, por sua vez, enfrentará estes questionamentos, experienciando este novo jeito de estabelecer relações intrafamiliares.

Petrini (2003) e Cerveny e Berthoud (2009) trazem pesquisas referentes não apenas ao Brasil, as quais demonstram uma vitalidade da família no que se refere à sua busca por um ideal de si mesma. A essa busca corresponde uma reorganização familiar para enfrentar as adversidades típicas da contemporaneidade. Há, diante disso, famílias dinâmicas, famílias adaptativas e famílias resilientes.

De acordo com Giddens (1991), afirmar categoricamente que os diversos contextos de confiança pós-modernos não são psicologicamente aconchegantes e geram angústia não implica afirmar o contrário sobre os contextos de confiança da modernidade. Há, na verdade, aspectos bem definidos onde os níveis de

insegurança ontológica são mais elevados nos cenários tradicionais do que nos mais recentes.

Com efeito, diante de todo este processo de rupturas paradigmáticas no que se refere a aspectos como a transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, verifica-se a tendência a que a sociedade desenvolva a capacidade para absorver tais conteúdos em forma de uma aceitação flexível.

6.2 Compreensão dos Resultados

6.2.1 Do ponto de vista das categorias temáticas

Um dos principais propósitos de nossa pesquisa foi entender a significação dada à família, enquanto conjunto de indivíduos que partilham uma mesma história, por seus próprios membros. Qual era então o sentido de *família*, particularmente para os responsáveis pela decisão de se unir e constituir uma nova família, diferente da família de origem de cada um, foi um dos pontos essenciais de nosso trabalho. Diante de tal proposta, foi preciso conceber a família no interior de seu próprio universo, isto é, de seu contexto específico e idiossincrático criado por ela e para ela. Mas foi também preciso concebê-la a partir do universo em que inelutavelmente está imersa, a Pós-Modernidade.

Assumimos, portanto, como ponto de vista de nossa reflexão, a família compreendida a partir do inter-relacionamento, das interconexões e do fluxo contínuo de contato entre essas duas esferas. Com base nesse ponto de vista orientamos a confecção de nossas categorias temáticas (com suas subcategorias e seus itens específicos), sempre à luz do material humano que nossas entrevistas capturaram, elemento-chave para nossa articulação. Dessa forma, procuramos estabelecer alguns parâmetros que permitissem evidenciar os principais aspectos pelos quais se pode compreender o intercâmbio entre *família e mundo*, critérios pelos quais a família contemporânea – este objeto científico de difícil acesso – pudesse ser desvelada em sua realidade específica.

Em um primeiro momento de contato com as entrevistas, foi impactante aos nossos olhos a intensidade com que o elemento afetivo mostrou-se presente, tanto como fundamento para a instituição familiar quanto como seu elemento de

manutenção. De acordo com os entrevistados, a família se mostrou como um conjunto que vincula as pessoas emocionalmente e, nessa medida, enseja igualmente um sentido de inefável pertencimento para cada indivíduo que a compõe. Foi nesse contexto que estabelecemos o primeiro eixo temático de nosso texto: **Categoria 1 – A Representação do Sentido e do Significado de Família:** (subcategorias: a) *Amor e afeto*; b) *Ancestralidade no Ciclo de Vida da família*; c) *O desejo em ter Filhos*; d) *Família de origem: adversidades nas interações*; e) *O ponto de encontro ao encontro da família*).

No caminho para a representação do sentido e do significado de família, os entrevistados caracterizaram suas famílias como entidades de fato vivas, entidades que ultrapassam o mero cômputo de seus elementos constitutivos (isto é, das individualidades de cada membro). Nesse sentido, embora a família seja um espaço de construção e de expressão de tais individualidades, existem movimentos que ocorrem espontaneamente para que a forma de ser coletiva da família aconteça. A esfera das individualidades que eventualmente diverjam do *todo familiar* acaba sendo suplantada por uma *intenção de ser*, mais especificamente, a *intenção de ser família*.

A família é concebida por seus próprios membros como um local de plenitude muito particular, na medida em que cada indivíduo encontra sua realização no conjunto familiar e não em si mesmo. É a família que entrega o sentimento de satisfação aos indivíduos e não os indivíduos que aperfeiçoam a família na medida em que satisfazem a si mesmos. Assim, em que pese as individualidades de cada um, a família possui a capacidade de amenizar as fronteiras entre os indivíduos, fazendo com que a coexistência se realize a partir de uma forma coletiva: o relacionar-se que tem como pano de fundo a afetividade mútua e enseja uma dimensão de compartilhamento onde a correlação entre os membros adquire preponderância.

Sob a perspectiva do Ciclo de Vida familiar, ficou evidente que o sentido de pertencimento que envolve emocionalmente seus membros é fator primordial para a significação das adversidades que eventualmente acometem a família. Viver significa estar aberto aos eventos da vida, do vir-a-ser, mas esta abertura não é inteiramente controlável pelo ser humano. Pelo contrário, talvez pudéssemos até mesmo dizer que poucas coisas de fato são inteiramente controláveis pelo homem.

Assim, uma perda, como o falecimento de um membro da própria família ou mesmo da família mais extensa, tende a ser assimilado no interior do contexto da família. Os entrevistados evidenciaram, nesse sentido, que a família é também um ponto de apoio a partir do qual os indivíduos se fortalecem e se resguardam emocionalmente.

Com efeito, é sempre com o paradigma da família no horizonte do entendimento que se realiza a apreensão e a significação de fatos dramáticos. Nesse sentido, a ancestralidade, entendida como a herança transmitida por qualquer família para seus descendentes, surge como momento de inflexão entre passado e presente: a família se torna um espaço de experiência onde a vida só adquire significado se cada nascimento ou morte trazer um sentido para o conjunto familiar. Dessa forma, a esfera do vivenciado se torna narrativa produzida pela família e para a família, narrativa que tem de antemão a marca da ancestralidade, seja a de uma ancestralidade rememorada do passado, seja a de uma vivência atual que um dia se vislumbra será rememorada como passado. Em um e outro caso, ancestralidade e Ciclo Vital de família se articulam entre presente e passado sempre com vistas ao futuro daquilo que mais se estima: a família.

Da mesma forma como as perdas e mortes sofridas pela família suscitam a busca pelo sentido da vida e, mais especificamente, a busca pelo sentido da vida em família, os nascimentos cumprem o mesmo papel. Os casais entrevistados consideraram a parentalidade como condição para que a família se perfeça, isto é, adquira sentido como família na acepção plena do conceito. Isto deve ser entendido por meio de dois vieses: o viés pessoal e individual de cada membro do casal e o viés comunitário da instituição familiar.

Com relação ao viés pessoal, os nascimentos levam os casais a refletir sobre seus sucessores em um movimento de pensamento que abrange o futuro dos filhos, a si próprios como integrantes de uma família, seus recursos como pais e provedores, sua ética e seus valores. Já com relação ao viés comunitário da instituição familiar, a parentalidade deve ser entendida à luz do Ciclo de Vida da família e de sua ancestralidade, na medida em que somente os filhos podem dar continuidade ao legado de uma família, levando adiante uma história que, em geral, tem suas raízes em um passado já distante, mas nem por isso menos vivo.

Nos dois vieses, os filhos são vistos como condição para a realização pessoal destes pais. Se, do ponto de vista da instituição familiar, os pais entrevistados

afirmaram a importância destes tendo em vista o futuro do conjunto familiar, do ponto de vista individual de cada um, os motivos dados foram vários: o gosto por uma família numerosa, a possibilidade de permitir aos próprios filhos que possuam mais alguém com quem contar e até mesmo o desejo instintivo da maternidade foram alguns desses motivos. A despeito de tal variedade, o desejo de se tornarem pais foi um motivo comum e recorrente a todos os casais entrevistados.

Mas tudo isso se afirma da decisão de construir uma família. Essa decisão, porém, tomada pelo casal, que estabelece o objetivo de constituir uma família, vem necessariamente cercada de uma questão fundamental: *como construir uma família?* Esta pergunta também foi um dos pontos que norteou nosso trabalho. Nossas entrevistas mostraram que há aqui uma reflexão intergeracional sobre as experiências que cada membro do casal viveu em suas respectivas famílias de origem.

Não há um determinismo pelo qual se possa delinear a realidade da família em função da realidade das respectivas famílias de origem dos membros de cada casal, isto é, não é possível estabelecer umnexo de causalidade entre história de vida e comportamento atual. Cada família consubstancia uma realidade particular, com uma singularidade que traz suas próprias vicissitudes e idiosincrasias – seu padrão próprio de funcionamento, por assim dizer. Nessa medida, o estudo dos universos contextuais de cada conjunto familiar só pode aproximá-los por generalidade e categorização até certo ponto. Entretanto, é possível levantar alguns pontos em comum, pontos que muitas vezes diferem na forma como determinada questão se desenrola no interior da família, mas acabam não diferindo muito quanto ao seu conteúdo.

Nesse sentido, nossas entrevistas mostram que, a despeito das diferenças conjunturais nas experiências vividas nas famílias de origem de cada membro dos casais entrevistados, há uma semelhança estrutural, a saber, a tendência de os indivíduos apresentarem uma dimensão reflexiva em relação a tais famílias. Em geral, aquilo que foi vivenciado como positivo na família de origem tende a ser mantido na família atual, enquanto que aquilo que foi vivenciado como negativo tende a ser refletido e reelaborado.

A carga emocional que vem no bojo das experiências passadas cuja lembrança denota sentimentos como frustração, tristeza e discordância, conduz a

uma trajetória de reflexão que tem como objetivo um novo modelo de família. Os casais entrevistados evidenciaram a existência de um processo de pensamento crítico em que pensam a si mesmos como família a partir do entrecruzamento das histórias de vida de cada um. Neste processo de pensamento, os casais elegem aquilo que gostariam de manter e aquilo que gostariam de mudar por meio de uma ponderação axiológica de suas vidas e vivências passadas.

Essencialmente, o casal procura, de maneira conjunta, compor um modelo de família onde impere o reino da afetividade e do pertencimento ao conjunto em detrimento do conflito e das disputas que, aos poucos, acabam sempre minando a coesão do grupo. Não se trata, porém, de construção simples, de realização de ato pontual e único. Ao contrário, é construção realizada no dia-a-dia, construção que pressupõe disponibilidade e abertura para que se efetive um espaço dialógico de apropriação e reflexão da complexidade da família. Isso nos conduz a mais uma categoria temática: **2 – Valores:** (subcategorias: *a) Dinheiro, 'status' pessoal e profissional; b) Tradição; c) Destradicionalização*).

Se, com relação à intergeracionalidade, nossas entrevistas mostraram uma faceta mais próxima a uma racionalidade concebida em sentido reflexivo, foi patente a acentuação desta esfera dialógica quando nossa pesquisa abriu espaço para que os casais expusessem os valores que os guiam. Assim, paralelamente ao elemento afetivo constatado no seio da família como fator de união, constatamos também o elemento reflexivo voltado para o estabelecimento das especificidades características da família.

Dinheiro, 'status' pessoal e profissional foram valores que apareceram nos relatos colhidos, e se mostraram geralmente associados a impasses existentes nas relações parentais de cada família. Para os pais entrevistados, há transtornos que decorrem das expectativas que depositam nas escolhas de seus filhos. Os pais conferem liberdade de escolha a seus filhos, mas ao mesmo tempo esperam que os mesmos optem por caminhos cujo prognóstico seja positivo no que se refere aos ganhos financeiros futuros, ao 'status' pessoal e profissional.

Dentro disso, restou evidente que os pais têm uma preocupação acentuada em transmitir aos seus filhos valores que, de modo geral, dizem respeito a uma realidade mercadológica e profissional de acirramento da competitividade e de superação das próprias limitações. Foram raros os momentos, se é que existiram,

onde se evidenciou uma preocupação parental desvinculada do pragmatismo e focada no ser dos filhos, isto é, na formação dos filhos como futuros indivíduos e não como futuros profissionais. Aparentemente, tais esferas são vistas de maneira sobreposta, como se compusessem uma relação de semelhança na qual a pessoa e a profissão que ela desempenha fossem uma e a mesma coisa.

De acordo com nossa pesquisa, há ainda outra seara de valores que inquieta a família contemporânea, valores que dizem respeito à manutenção/ruptura com o âmbito da tradição historicamente aprendida. Estes valores se mostraram particularmente relacionados com a figura da mulher e suas escolhas sobre sua individualidade, casamento e filhos.

Há algum tempo o gênero feminino tem encabeçado um processo em direção a um novo paradigma: a mulher tem buscado transformar o papel atribuído a ela pela história da modernidade, papel onde o patriarcalismo hierarquizou as relações de gênero e estabeleceu a domesticidade como o ambiente por excelência da mulher. De um modo muito breve, podemos dizer que a mulher tem buscado autonomia própria no lugar da submissão de gênero e, com isso, maior participação na vida social.

Este processo não apenas é historicamente recente, mas também se encontra em sua plenitude de expressão. Nossas entrevistas trouxeram relatos, tanto referentes às famílias de origem quanto referentes às famílias atuais, sobre o que e qual seria o papel da mulher. Apareceu, em nossa pesquisa, alguma dificuldade vivida no interior da família a esse respeito, na medida em que houve muitas mudanças históricas em muito pouco tempo referentes ao gênero feminino.

Aquela realidade tipicamente tradicional que as mães de hoje enfrentaram no passado foi atenuada, quando não transformada em algo diametralmente oposto. Com isso, surge hoje uma zona de indeterminação tipicamente contemporânea capaz de gerar angústia sobre os modos de proceder de uma família, particularmente nas questões relacionadas ao gênero feminino – seja com as mães de hoje, seja com suas filhas mulheres.

Em que pese tal zona de indeterminação, não se pode negar que em muitos aspectos da atualidade já se verifica um movimento de destradicionalização em relação ao passado. Nossas entrevistas mostraram que o casamento é exemplar a esse respeito. Os casais entrevistados convergiram na opinião de que a figura do

casamento representa hoje menos uma obrigação do que propriamente uma alternativa.

Os preceitos ritualísticos tradicionais são substituídos por certa flexibilidade na medida em que os casais definem, por si mesmos, *o que* deve ser feito, *quando* deve ser feito e *como deve* ser feito. São escolhas que dispensam o apoio em valores tradicionais para a conquista da felicidade, o que vale não apenas para a questão da conjugalidade, mas acima de tudo para a própria dinâmica da vida em família.

Em verdade, a chamada Pós-Modernidade trouxe, entre outras mudanças e flexibilizações de valores tradicionais, a atenuação do modelo tradicional de casamento. A este modelo se contrapõe, hoje, uma abertura de possibilidades de modelos de união segundo a qual não há um padrão específico que se deve obedecer para atingir o bem-estar pessoal e conjugal. Múltiplos e distintos arranjos coexistem, nenhum dos quais sendo considerado mais correto e adequado do que outros.

Essa dimensão multifacetada de possibilidades ficou bem evidente em diversas falas dos casais que entrevistamos, falas que se referiram tanto à sua própria união quando decidiram constituir uma família, quanto aos seus filhos, que já entram em idade na qual já há um traço de preocupação sobre seu futuro pessoal.

Diante da realidade pós-moderna de abertura para novas possibilidades, nosso estudo apontou um ponto fundamental em torno do qual se dá a estruturação da família: os rituais familiares. Se há, como dissemos anteriormente, uma fundamentação emocional e afetiva responsável por desencadear nos indivíduos a vontade de estar junto, e se há, paralelamente a isto, uma esfera racional de pensamento na qual a família pensa-se a si mesma como família, os rituais aparecem como manifestação prática das duas coisas.

Vale dizer, enquanto a afetividade e a racionalidade se referem a instâncias mais abstratas do pensamento, a ritualidade contempla as interações entre os membros de uma família em termos da prática vivida. Não se trata, porém, de qualquer ordem de interações. Rituais consistem em uma interatividade cuja especificidade está em que, para além de um sentido ordinário extraído de sua vivência, há um sentido simbólico que engendra o sentido de pertencimento e o vínculo de união no interior de determinado sistema ou grupo.

Com isto, chegamos a mais uma categoria, a saber: **3 – Rituais** (subcategorias: *a) Vivenciados como positivos na família de origem – itens específicos: a1) Dias especiais, festas de aniversário e grandes comemorações; a2) O cotidiano; – b) Vivenciados como Negativos na Família de Origem; c) Rituais Repetidos na Família Atual – itens específicos: c1) Dias especiais, festas de aniversário e grandes comemorações; c2) O cotidiano).*

Os rituais familiares foram descritos pelos entrevistados mediante lembranças de experiências vividas nas famílias de origem e até mesmo de lembranças referidas a gerações da família mais distantes no passado. Tais narrativas geralmente envolveram tanto memórias circunscritas ao dia-a-dia da família de origem quanto memórias em que membros da família mais extensa estiveram presentes e participaram de certos eventos.

Restou evidente um aspecto nítido de co-construção dos rituais familiares a partir da interface entre conjugalidade e ressignificação de rituais já vivenciados. Aqui, como também anteriormente, o casal apresentou uma seletividade reflexiva a respeito dos rituais familiares mantidos porque vividos como bons nas famílias de origem e rituais familiares descartados porque vividos como ruins em tais famílias.

Os rituais narrados como positivos nas famílias de origem se referiram a ocasiões especiais e à rotina cotidiana da vida familiar. No primeiro caso, foram rememorados momentos em que a família se juntava para almoçar aos domingos, ocasiões de comemorações festivas do aniversário de algum membro e cerimônias de comemoração do Natal. No segundo caso, foram lembrados particularmente os momentos de refeição que a família de origem partilhava. Em geral, foram descritos o zelo materno e o cuidado na preparação de alimentos, tudo levando a uma vivência onde a interação familiar se dava forma tranquila e afetiva, a ponto de inclusive justificar certa nostalgia no próprio ato dos entrevistados de visitar seu passado e descrevê-lo.

O ritual familiar, nesse sentido, foi entendido e significado pelos entrevistados como o grande elemento facilitador dessas ocasiões de união familiar, como aquele acontecimento ordinário que enseja um momento de reciprocidade extraordinário entre os membros da família. Além disso, os entrevistados também ressaltaram o papel fundamental de algum membro (geralmente um dos pais ou um dos avós) no tocante a seu empenho para possibilitar que estes momentos especiais

acontecessem. Este detalhe é fundamentalmente importante porque permite identificar bem uma noção de *intencionalidade* voltada para o *viver em família*.

Por sua vez, com relação aos rituais narrados como negativos nas famílias de origem, os entrevistados igualmente mencionaram circunstâncias de refeição. Mas nestes casos, descreveram a ocorrência de conflitos e disputas entre a família, momentos em que os ânimos se acirravam e a tensão vinha à mesa, fazendo com que suas lembranças ficassem gravadas com um sentimento de mal-estar e até mesmo de não pertencimento ao conjunto familiar em determinados momentos.

Restou patente, portanto, uma intenção reflexiva e deliberada, por parte dos casais entrevistados, de dialogar entre si sobre suas experiências individuais relativas aos rituais familiares e, a partir disso, atualizar o que foi considerado positivo e transformar o que foi julgado negativo.

Mas, para, além disso, ficou evidenciado também em nossa pesquisa que, em virtude do modo de vida tal como hoje ele se dá, dentro do universo contemporâneo, os casais entendem que por vezes precisam reconfigurar ou adaptar certos rituais positivos que trazem de seu passado. Embora vivenciados como bons anteriormente, tais rituais não cabem mais em um mundo assim, tão modificado como o atual. Com isto chegamos à nossa última categoria temática: **4 - Aspectos da Contemporaneidade que Dificultam as Relações na Família Atual** (subcategorias: *a) A tecnologia; b) Parentalidade e individualidade dos filhos*).

A vida típica na Pós-Modernidade pode representar para as famílias certo desconforto porque por vezes enseja dúvida sobre posturas a adotar e decisões a tomar em determinadas circunstâncias, principalmente no que se refere aos filhos. A realidade atual tende a implodir as bases seguras de conhecimento a partir das quais as escolhas para a vida social poderiam ser feitas com maior propriedade de domínio. Somam-se a isto dificuldades inerentes à delimitação do próprio papel funcional de *pai e mãe*.

Em virtude de incalculável dinamização e diversificação social ocorrida no lapso de tempo situado entre o período de juventude destes pais e o presente atual, surgem contradições patentes que se referem a formas inéditas de cultura. Essas formas de cultura são normais para seus filhos, mas difíceis de assimilação para estes pais, que relataram em nossas entrevistas sentirem-se chocados em algumas ocasiões.

Nesse sentido, foi comum o relato, pelos casais, de que em determinados momentos sentem-se oprimidos porque se deparam com uma realidade social que vem em desencontro de seus valores e de sua moralidade. Apesar da dificuldade, os entrevistados narraram que lidam com estas questões de maneira flexível e com muita abertura e aceitação, mas ressaltaram que nem por isso suas angústias e incertezas se atenuam.

A tecnologia foi um dos fatores que os casais entrevistados trouxeram como fator ambivalente em suas famílias. Segundo narraram, a tecnologia é de fundamental importância quando se trata de encurtar distâncias e de implementar novas possibilidades de contato entre os membros da família. Nesse sentido, muitas vezes a atuação profissional dos pais faz com que se ausentem de seu lar por determinados períodos de tempo. Quando isso acontece, dizem, a tecnologia é, sem dúvida, um facilitador da interação familiar. É possível, hoje, resolver questões familiares à distância, comunicando-se, por exemplo, para tomar uma decisão específica que diga respeito à família nas mais diversas situações do cotidiano. A tecnologia assim concebida, é responsável por ajudar a manter a união – se não fisicamente real, virtualmente real – da família.

Entretanto, os pais entrevistados também afirmaram que a tecnologia enseja um processo de alienação, sobretudo alienação dos filhos. Em geral, uma vez que os filhos tenham contato com todas as possibilidades que a tecnologia e a realidade virtual possibilitam, uma vez que adentrem esse universo exponencialmente inovador, é de se esperar que sejam seduzidos de tal modo que sua própria família seja colocada em segundo plano. As críticas se dão então porque os pais sentem-se excluídos da vida dos filhos e os julgam individualistas quando comparam a relação que seus filhos têm com eles, com a relação que eles, pais, tiveram com seus pais, isto é, os avós dos seus filhos.

Os pais acrescentam ainda a preocupação no que diz respeito à verdadeira invasão de domicílio que a tecnologia é capaz de efetivar, derrubando todos os limites que separam o ambiente familiar privado do mundo externo. As facilidades são tantas que os pais relataram certo choque com o alto nível de informações, que consideram da ordem da intimidade, divulgadas sem cautela em redes sociais e veículos tecnológicos afins.

Se a tecnologia foi caracterizada em sua ambivalência, o mesmo não se dá quanto à relação entre pais e filhos que tem como pano de fundo o mundo Pós-Moderno. Os pais atribuíram grande parte de sua preocupação e angústia no trato com seus filhos, porque pensam que além da necessidade de desempenharem o papel da parentalidade de maneira responsável, têm também a atribuição de estabelecer o bom relacionamento no interior da família.

A despeito de tais atribuições, as maiores dificuldades que esses pais enfrentam coincidem, em geral, com o início da vida social de seus filhos. A partir do momento em que os filhos começam a deixar o ambiente estritamente doméstico para vivenciar experiências que não incluem os próprios pais, estes relatam sofrer para se adaptar com a realidade. São as primeiras experiências dos filhos com envolvimento de namoro, primeiras experiências sexuais e envolvimento sociais diversos.

O tema do nível de permissividade que os pais devem exercer, associado à individualidade dos filhos construída no interior do universo contemporâneo, é, nas palavras dos casais entrevistados, talvez a questão de maior preocupação. Segundo relatam os pais, é uma questão delicada satisfazer a um só tempo a concessão de liberdade que os filhos desejam e a transmissão de valores que os próprios pais desejam.

Os relatos convergiram nesse sentido, e confluíram também para o mesmo critério de solução: os pais optam por um diálogo franco e sincero com seus filhos, mas acabam delegando a eles a liberdade de escolhas e decisões. Segundo enfatizaram, independentemente do resultado futuro de tais escolhas e decisões, os filhos têm o encargo da responsabilidade por elas, na medida em que agiram por meio do exercício de sua própria liberdade.

6.2.2 Do ponto de vista de um diálogo entre teorias

A família é um fenômeno complexo difícil de ser apreendido, seja em termos teóricos, seja em termos empíricos. Capturar a família, esta construção dinâmica e multifacetada, é uma possibilidade limitada a explicar determinados traços específicos de um modelo prevalecente de família, modelo circunscrito em certo momento na história da humanidade.

A dificuldade na apreensão da família se agrava ainda mais na contemporaneidade, na medida em que sequer há um modelo de família ao qual se possa referir como dominante. Em verdade, a Pós-Modernidade traz como sinal distintivo em relação a toda a história humana precedente o pluralismo e a multiplicidade de arranjos nos mais diversos aspectos da vida.

Dentro disso, a família tem sido concebida sob formas inéditas de composição – monoparentalidade, união estável (heterossexual e homoafetiva), dentre outras formas de união – que rompem com a tradição moderna da família heterossexual institucionalizada pelo casamento. Considerando isso, o estudo da família contemporânea se torna então ainda mais problemático, e exige de nós cautela no trato com suas possibilidades de análise e reflexão.

É fato também que o elevado processo de dinamização atual impõe que todo conhecimento seja constantemente revisado na medida em que tal conhecimento está inserido em um quadro histórico que dificulta a cristalização de suas categorias. Nesse sentido, a análise dos resultados de nossa pesquisa naturalmente nos trouxe ao ponto de dialogar com algumas teorias mais recentes sobre a relação entre Pós-Modernidade e família. Entre elas, começaremos abordando as teorias de desinstitucionalização, individualização e risco, teorias que ocupam lugar privilegiado na sociologia mais recente.

Existe uma posição teórica muito clara no que se refere à Pós-Modernidade, que consiste em considerá-la um momento de generalização das incertezas e de efemeridade das relações humanas e sociais. Assim, a abertura a novas possibilidades e arranjos da vida humana que a Pós-Modernidade traz não vem sem preocupações. Se, por um lado, ficamos cada vez mais independentes de determinações ideológico-sociais para moldar nossa existência de acordo com nossa vontade, por outro, nos tornamos angustiados com esse processo terminativo de modelos de referência.

Sem dúvida, a eventual existência de um padrão que sirva como modelo para a estruturação da vida social e humana corre o risco de marginalizar expressões pessoais e culturais divergentes dele: em geral, todo padrão vem acompanhado de um valor que estabelece o correto e, automaticamente, marginaliza o diferente. Nesse sentido, quanto mais estático é um padrão – seja qual for – no interior de uma

sociedade, mais ameaça costuma ele representar para a singularidade de cada indivíduo que compõe esta sociedade.

Mas a situação diametralmente oposta a essa, isto é, a inexistência de padrão de referência, pode ser igualmente problemática, segundo afirmam teóricos como Bauman e Giddens. Quando não há um fator externo ao qual se possa agarrar e que possa servir de modelo à estruturação da vida social e humana, ocorre um movimento de internalização do trabalho de problematização, reflexão e estabelecimento do próprio modo de vida desejado.

É este precisamente o caso da Pós-Modernidade, pois na medida em que os sistemas de referência tendem ao desaparecimento, abre-se uma esfera de liberdade e autonomia individual em que o indivíduo assume a prerrogativa de estabelecer seu próprio modo de existência. As teorias sociológicas extraem desse contexto contemporâneo de liberdade e autonomia as teses da individualização, desinstitucionalização e risco.

De um modo mais ou menos evidente, essas teses estabelecem uma relação causal entre, de um lado, os processos de transformação social e de alteração do *status quo* moderno e, de outro, o crescente individualismo que se verifica na atualidade. Para Giddens (2000) e Bauman (2004), por exemplo, a instituição do casamento encontra-se em uma esfera de risco porque não há mais bases de apoio seguras na tradição e nos costumes como em outros tempos, ou seja, não há mais um padrão social de referência a esse respeito. O individualismo entre os membros da família contemporânea exerce papel e visibilidade inéditos (SINGLY, 2000).

Nesse sentido, o casamento e a família teriam deixado de ocupar um lugar tradicional de institucionalização social para ocupar um lugar oposto, sem referenciais institucionais. Para tais autores, o panorama contemporâneo abre um campo de incertezas e de possibilidades que torna irrelevantes as relações de compromisso e envolvimento. Isso supostamente faz com que as famílias sofram um processo de mudança interna, embora continuem existindo na realidade – Giddens (2000) se refere à família como *casca*, ou seja, a mesma forma com outro conteúdo.

Costa (2014) afirma que as teorias de desinstitucionalização, individualização e risco não são capazes de abranger, de maneira eficiente, o que é a família na atualidade. Para a autora, a família não apenas sobrevive aos ventos pós-modernos

que rompem com a tradição, mas também se reforça enquanto plano de significação do sentido de vida de seus membros.

Sem dúvida, a liquidez que Bauman atribui ao universo contemporâneo representa uma fratura nos diversos planos de estruturação da vida social e humana, entre os quais, no plano valorativo que fundamenta a vida. Com base nisso, certamente é possível afirmar que a família mudou, e não mudou pouco.

Assim, a família mostrou adaptar-se por meio de novas formas de composição e arranjos inéditos. É evidente que na medida em que ocorram mudanças na sociedade, na política, na economia, dentre outros, a família não tem como manter-se inalterável; a família então se transforma, mas transformação não implica desaparecimento. Os paradigmas das teorias a que nos referimos parecem, assim, relativamente rígidos para permitir compreender como a família se modifica com o decorrer do tempo, seja em forma, seja em conteúdo.

Assim foi que, diante de nosso estudo, não nos deparamos com o panorama de família perdida, frágil e descontínua, como seria de se esperar de uma realidade descrita como fluida. Pelo contrário, se a Pós-Modernidade veio relativizar os mais diversos valores da vida humana, ao que tudo indica, um desses valores permaneceu intacto em seu conteúdo: a família. Mas a partir da constatação de que a família sobrevive à Pós-Modernidade, é necessário entender como a família o faz em meio a tantas transformações.

Costa (2014) opta pelo estudo dos rituais familiares para compreender a família. Para ela, os rituais familiares constituem, por excelência, o lugar a partir do qual a família contemporânea se constrói como família e, nesse sentido, são práticas centrais que permitem captar a família de um modo mais texturizado a partir do significado de família enquanto espaço simultaneamente físico, relacional e simbólico.

Entendida sob essa perspectiva, a família pode ser compreendida quanto às suas fronteiras, quanto à atribuição de papéis entre seus membros e até mesmo quanto ao estabelecimento de um sentido de si mesmo partilhado entre esses membros. Desse ponto de vista, sem dúvida é possível descortinar uma série de aspectos inerentes à família, na medida em que os rituais familiares consubstanciam uma prática comum e recorrente no interior dos conjuntos familiares.

De certa forma, nossa pesquisa corrobora com o papel fundamental dos rituais familiares, seja como via de acesso para o estudo do objeto investigado (a família), seja como prática de manutenção da existência desse objeto. Entretanto, nossa pesquisa também mostra algumas vias alternativas para a compreensão da família, vias que não excluem o que foi dito sobre o papel dos rituais, mas contextualizam-no em sua especificidade. Vejamos isso mais de perto.

O ritual familiar pode ser entendido, fundamentalmente, como uma ação desempenhada conjuntamente pelos membros de uma família, uma ação em geral ordinária, mas que é vivenciada pelos seus participantes como tendo um significado extraordinário. O sentimento de pertencimento que une esses participantes faz com que o momento partilhado seja assimilado com um sentido intenso de reciprocidade e vínculo com o grupo familiar. Cada indivíduo, assim, extrai para si um significado simbólico da situação que transcende a própria situação; cada indivíduo, portanto, vivencia o ritual de modo sagrado e inesquecível, porque aquele momento estará perpetuado na memória ancestral da família.

Indubitavelmente, o ritual familiar é uma condição essencial para a existência e manutenção do grupo familiar, e nesse sentido, merece posição privilegiada como objeto de estudo. Entretanto, embora condição para a existência e manutenção do grupo familiar, o ritual não é o fundamento de existência desse grupo.

De acordo com nossa pesquisa, os rituais familiares são a imagem de uma *intencionalidade em ser família*. O fundamento dessa *intencionalidade em ser família*, e assim também, o fundamento dos rituais familiares, é a afetividade que envolve os membros de uma família por meio de um sentido de pertencimento em relação ao conjunto familiar. Há duas instâncias fundamentais que nossa pesquisa constatou na forma de manifestação dessa *intencionalidade em ser família*, formas de manifestação que se entrecruzam, mas que podem ser decompostas no nível de uma exposição teórica como a que ora fazemos.

A distinção teórica entre a razão e a emoção é bastante conhecida e pode nos ajudar a entender a *intencionalidade em ser família*, distinção que também apareceu em nossa pesquisa; identificamos assim um viés racional e um viés emocional. Do ponto de vista do viés racional, pudemos constatar, nos casais entrevistados, uma grande abertura ao diálogo e à troca de experiências de vida; de fato, os casais demonstraram conversar muito entre si e também demonstraram uma

busca pelo que é melhor para si e para seus filhos em virtude de uma racionalidade orientada para a reflexão da família que constituem. Existe uma vontade racionalizada que não cessa de problematizar a família para buscar novas possibilidades de implementação – de rituais, de modelos, de hábitos, dentre outros – que possam aperfeiçoar esta *intenção em ser família*.

Do ponto de vista do viés emocional, por sua vez, há um sentimento comum de afeto que envolve todos os integrantes da família. A *intenção de ser família* é engendrada a partir de um enredamento mútuo de vidas e vivências que conduz a uma esfera onde a reciprocidade afetiva se torna preponderante. Estar unido, não apenas fisicamente, isto é, sob o mesmo teto, mas principalmente estar unido sob os mesmos ideais de vida e valores compartilhados, gera uma vivência emocional compartilhada no interior da família – *um sentimento incomparável de amor*, talvez pudéssemos descrever, nas palavras de todos os entrevistados.

Em que pese a distinção apresentada entre o viés racional e o emocional, nossa pesquisa constatou que, embora presentes na vida familiar, razão e emoção estão sempre entremeadas e dificilmente se dissociam. Entretanto, nossa pesquisa também mostrou que, para os casais entrevistados, a emoção tem uma primazia sobre a razão. Isso é suficiente para dizermos que aquilo que efetivamente fundamenta a família é *o amor mútuo compartilhado entre os indivíduos, amor que faz com que cada indivíduo aja de acordo com uma intenção deliberada de ser família e de viver em família*.

A partir do exposto, os rituais familiares podem ser contextualizados em sua especificidade. Viver em família é, não obstante o sentimento afetivo e de união que perpassa os seus indivíduos, interagir física e emocionalmente por meio de uma dinâmica das corporalidades envolvidas (MATURANA, 1998).

Isso significa que há uma interação prática e corporal inevitável de toda vida familiar. Aqui, a expressão do corpo deve encontrar uma forma de expressar também a emoção contida *no viver em família*, ou seja, a interação das corporalidades deve manifestar, necessariamente, a afetividade mutuamente compartilhada que envolve os membros de uma família. Os rituais familiares, portanto, são justamente a projeção em expressão acentuada deste fundamento afetivo, isto é, os rituais familiares são a imagem e o reflexo práticos que a afetividade tem no dia-a-dia de uma família.

Nesse sentido, a afetividade é o fundo a partir do qual a família tende a se estruturar e acontecer. Os rituais familiares representam um lugar de construção da família porque ensejam uma significação simbólica que transcende a mera ordinariade dos atos; essa significação simbólica transcendente, porém, só é possível porque há um fundo emocional a partir do qual os rituais familiares se expressam.

O conceito de intencionalidade de Doherty (2002) caminha nessa direção e analisa a relação direta entre intencionalidade e prática de rituais familiares. Para Doherty, é preciso que a família apresente esta *intenção de ser família*, sob o risco de sucumbir à realidade contemporânea desestabilizadora. Esta intencionalidade, para ele, consiste essencialmente na prática efetiva de rituais familiares, e nesse sentido, fica estabelecida quase que uma relação de causalidade entre a prática de rituais familiares e a existência e manutenção da família.

Costa (2014), por sua vez, não analisa a família sob um conceito declarado de intencionalidade, muito embora, na medida em que considere os rituais familiares como o lugar de construção da família, acabe inevitavelmente remetendo a uma noção implícita de intencionalidade ao conceitualizar as famílias “*pelo que fazem*” – conforme ela mesma se expressa. Que os rituais familiares são condição essencial de manutenção da vida em família, isso Costa expõe de maneira ímpar, contribuindo para reforçar a nossa tese.

Entretanto, os resultados de nossa pesquisa parecem ter-nos levado a uma posição híbrida entre esses dois autores, uma posição teórica que situa a questão da *intencionalidade em ser família* a partir da afetividade, isto é, a *intencionalidade em ser família* – questão que inclui, mas ao mesmo tempo ultrapassa a questão dos rituais familiares – se desenrola sobre um fundo emocional; nesse sentido, encontramos um ponto sólido de fundamentação em Maturana.

Assim, a partir de nosso trabalho considerado globalmente, podemos fazer alguns apontamentos pertinentes: (I) existe uma *intencionalidade em ser família e em viver em família*, intencionalidade entendida do ponto de vista de um *agir e pensar* deliberadamente voltados para a constante efetivação / manutenção / implementação da própria família; (II) essa *intencionalidade em ser família e em viver em família* se desdobra a partir do cotejo entre *razão e emoção*, mas a *emoção* e aparece como tendo a anterioridade sobre a *razão* – anterioridade que está

expressa em Maturana (1998); (III) a anterioridade que a *emoção* tem sobre a *razão* não apenas não elimina a instância inevitável de interação entre as corporalidades dos membros da família, como instiga os indivíduos a procurar expressar corporalmente o afeto que sentem, o que inclui na questão a dimensão da linguagem como fator de sociabilidade; (IV) é também a anterioridade da *emoção* sobre a *razão* o que enseja a possibilidade de que a prática dos rituais familiares possa levar à produção de um *significado simbólico transcendente e extraordinário*, podendo, portanto, servir como lugar de construção da família; (V) a referida anterioridade serve então como *fundamento de existência* da família, muito embora a prática de rituais familiares seja a *condição efetiva para sua manutenção*; e (VI) a partir de todas as outras evidências, constata-se que a família é, antes de mais nada, uma entidade cujo *fundamento de existência é aquele algo a mais indizível que a afetividade suscita nos indivíduos de uma família, é aquele inefável sentimento de pertencimento e completude que emocionou os entrevistados quando a esse respeito narraram, e que talvez aqui não possa ser traduzido em palavras.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho procurou investigar alguns aspectos relevantes sobre a família contemporânea, tendo em vista tanto a especificidade interna de cada contexto familiar quanto as características gerais da Pós-Modernidade. Procuramos, particularmente, compreender se realmente havia algo que pudesse ser designado por uma *intencionalidade em ser família e em viver em família* por parte dos integrantes de um grupo familiar, e a partir disso, compreender também como essa intencionalidade se manifestava na vida da família.

Tendo em vista o tipo de vida que as pessoas levam, a maneira como a sociedade está organizada, as necessidades de fazer frente aos pleitos por um determinado nível de vida, entre uma série de outros fatores recorrentes na atualidade, procuramos delinear, em linhas gerais, os mecanismos de existência, manutenção e implementação da família; as questões mais importantes e ao mesmo tempo as mais angustiantes para a família que existe hoje; suas inquietações, valores e dúvidas, suas características e idiossincrasias; enfim, procuramos apreender, em nosso estudo, a família sob alguns aspectos que ela mesma considera mais relevantes e atuais, e por isso demos voz narrativa aos principais personagens dessas famílias, para que assim pudéssemos, na medida do possível, entender seu universo específico do ponto de vista dos próprios integrantes deste universo.

Diante disso, ficou evidente que há um componente afetivo que fundamenta a *intencionalidade em ser família e em viver em família* nas famílias entrevistadas, e que esse componente afetivo serve como fundo sobre o qual as demais questões pertinentes à família se desenrolam – questões que se referem aos valores, à tradição e à destradicionalização, aos rituais familiares, à relação entre a parentalidade e a individualidade dos filhos, à relação entre a tecnologia e a esfera privada familiar.

Com base nisso, ficaram também evidentes possíveis diálogos sobre a família e a Pós-Modernidade com algumas teses sociológicas e psicológicas mais recentes que tratam deste mesmo tema. De acordo com nossos resultados, há uma insuficiência paradigmática por parte de algumas teorias mais recentes quando se trata de explicar a instituição da família, na medida em que tais teorias falam de uma transfiguração que desconstrói a ideia de família como construída a partir da modernidade e adotada pela sociedade ocidental como modelo que a define como

tal, no entanto, como vimos, a família sobreviveu e sobrevive, adaptando-se, às mais severas transformações sociais e humanas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. **Retrato de Família (A Rosa do Povo)**. Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Record, 2006.

_____. **Máquina do Mundo (Claro Enigma)**. Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Record, 2007.

_____. **Tristeza do Império (Sentimento do Mundo)**. Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Record, 2006.

_____. **Família (Poesia e Prosa)**. Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, 1988.

_____. **A Mesa (Claro Enigma)**. Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Record, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, Ltda, 1995, p.117.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Editor Zahar, 2004, p. 8, 132.

_____. **Globalização. As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Editora JorgeZahar, 1999.

_____. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998, p. 220.

BOARINI, M. L. Refletindo Sobre a Nova e Velha Família. **Psicol. estud.** vol.8 no.esp, Maringá 2003. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000300001&script=sci_arttext>. Acesso em: 07 Ago. 2014.

CERVENY, C. M. O. A Família como Modelo – Desconstruindo a Patologia. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2000.

_____. Ciclo Vital da família brasileira. In: OZÓRIO, L. C.; DO VALLE, M. E. P. e cols. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. BERTHOUD, C. M. E. e cols. **Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

COSTA, R. P. **Pequenos e grandes dias – os rituais na construção da família contemporânea**. 2011. 436f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000221&pid=S0872-3419201400020000500021&lng=es>. Acesso em: 18 Dez. 2014.

_____. Rituais familiares: práticas e representações sociais na construção da família contemporânea. **Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da universidade do Porto**. Vol. XXVIII, 2014, p. 87, 88. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/soc/v28/v28a05.pdf>>. Acesso em: 18 Dez. 2014, 13, 14, 87, 88.

DENZIN, N. K; LINCOLN Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – Teorias e abordagens**. 2 ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 17, 23.

DOHERTY, W. J. **The intentional family: simple rituals to strengten family ties**. New York: Harper, 2002, p. 8, 12, 13.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **Mundo em descontrole: o que a Globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, p. 28, 33.

_____. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 155.

GERGEN, K. J. **El Yo Saturado**. Barcelona: Paidós, 1995.

GRANDESSO, M. Viver em família – que tipo de futuro nós terapeutas familiares podemos ajudar a construir? In: MACEDO R. M. S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Editora Roca, 2008. p. 8.

_____. **Sobre a reconstrução do significado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

KVALE, S. BRINKMANN, S. **InterViews: learning the craft of qualitative research interviewing**. Thousand Oaks. New Delhi. London. Singapore: Sage Publications, 2009.

LYOTARD, J. F. **A condição Pós-Moderna**. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MACEDO, R. M. S. Pesquisa qualitativa com famílias e casais. In: GUERRIERO, I. C. Z. et al. **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 168, 169.

_____. Mães boas o suficiente. In: SECURATO, S. B. **Nós Mulheres**. v 2. São Paulo: Oficina do Livro, 2003, p. 87 – 107.

_____. KUBLIKOWSKI, I.; SANTOS, M. G. **Interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado**. Anais da I Cibrapeq – I Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa; 2004 Mar; Taubaté (SP).

MARCATTI, J. **A crise dos paradigmas científicos: para onde vai a ciência?** Texto produzido a partir da palestra proferida em 17 de novembro de 1991. NÚCLEO DE ESTUDO E PESQUISA DAS PRÁTICAS CLÍNICAS – PUC/SP.p. 1.

MATURANA, H. R. **Da Biologia à Psicologia**. 3 Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 105 - 175.

_____. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p.15.

MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1974.

_____. FISHMAN, C. H. **Técnicas de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 21, 30.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 3. ed. London: Sage Publications, 2002.

PETRINI, G. C. **Pós-modernidade e família – um itinerário de compreensão**. Bauru: Edusc. 2003, p. 60, 62, 77.

ROBERTS, J. Setting the frame: definition, functions and typology of rituals. Cap 1. In: IMBER-BLACK, E.; ROBERTS, J., WHITING, R. **Rituals in families and family therapy**. New York. London: W. W. Norton & Company, 1998, p. 3 - 14.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011, p. 133.

_____. O Nascimento do “Indivíduo Individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: CICCHELLI, V.; SINGLY, F.; PEIXOTO, C.E. (Orgs.). **Família e Individuação**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 15.

TOMM, K. Questionamento interventivo: Parte III – Tentando fazer perguntas lineares, circulares, estratégicas e reflexivas. **Family Process**, 27, p. 1 - 15 (texto traduzido, 1988).

VAITSMAN, J. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias Pós-Modernas. **Revista de Ciências Sociais**, 1994, v 38, n 2, p. 177 a 377.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico – O Novo Paradigma da Ciência**. 7 ed. São Paulo: Editora Papirus, 2002.

_____. Valores na contemporaneidade da família brasileira: crise? In: MACEDO R. M. S. (Org.). **Terapia Familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Editora Roca, 2008, p. 3.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Concepção de família

- 1) O que é família para vocês? Que lugar ela ocupa nas suas vidas?
- 2) Como foi para vocês a decisão sobre constituir uma família?

Lembranças sobre a família de origem

- 3) Gostaria que vocês me contassem um pouco sobre como eram suas famílias de origem.
- 4) Que lembranças vocês têm do viver nela, observações e aprendizados.

Influências da família de origem na família atual

- 5) Existe alguma influência de suas famílias de origem na maneira como vocês concebem a família atual?
- 6) Como vocês, como casal, se construíram nas possíveis diferenças?

Os Aspectos contemporâneos e a família de origem

- 7) Que aspectos importantes vocês destacam na família contemporânea em relação à sua família de origem?
- 8) Quais semelhanças e diferenças vocês vêem?

Os Aspectos contemporâneos e globalizantes e a família atual

- 9) O que vocês pensam sobre isso? Eles interferem no viver em sua família atual? De que maneira?
- 10) Hoje vivemos em um mundo com características globalizantes, ou seja, aspectos como: a tecnologia, os relacionamentos descartáveis, o

consumo de bens e serviços e as questões sociais, tendem a fazer parte da vida das pessoas, neste sentido, como vocês compreendem que tais aspectos reverberam na vida de sua família?

As decisões dentro da família, como: educação dos filhos, e os planos para o futuro dos filhos.

- 11) Do ponto de vista de vocês, o que é importante na educação dos filhos?
- 12) Que planos vocês têm para o futuro de seus filhos? O que eles pensam sobre isso?
- 13) Como são tomadas as decisões dentro da família?

A Família, seu viver no dia-a-dia e nos dias especiais.

- 14) Como é o dia-a-dia de vocês? Como são as manhãs da família? E as tardes? E as noites?
- 15) Como são os finais de semana e os dias especiais?
- 16) Existe alguma coisa que vocês façam eventualmente com alguma regularidade?
- 17) Que problemas surgem para vocês no dia a dia, e como a família lida com isso?
- 18) Existe alguma característica acentuada/marcante na família de vocês?
- 19) A família tem algum tipo de dificuldade?
- 20) Em relação às perguntas que foram feitas, existe alguma pergunta que vocês não haviam pensado antes?
- 21) Sentiram falta de alguma pergunta em particular?

APÊNDICE 2



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Lucelene Ferreira Barbin, aluna do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, venho convidá-lo(a) a participar desta pesquisa, intitulada “*O Viver na Família Contemporânea: Certezas, Inquietações e Possibilidades*”, que está sendo desenvolvida para meu trabalho de Mestrado, orientado pela Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo. A pesquisa tem como objetivo compreender a construção do sentido da família contemporânea em seu próprio interior a partir do paradigma da intencionalidade, e às possibilidades que se apresentam – ou se impõem – para o viver em *família*, sob a perspectiva da teoria sistêmica.

Para tanto, serão utilizadas entrevistas semiestruturadas com casais de pais que, por meio de perguntas e respostas, permitirão compreender quais possibilidades de reflexividade, consciência e intencionalidade se apresentam acerca da vida familiar em relação à corrente de inquietações e pluralidades que as questões pós-modernas trazem, contribuindo assim para o estudo de novos olhares para as vicissitudes familiares.

Cabe ressaltar que os procedimentos acima descritos oferecem baixo risco aos participantes e que estes não receberão nenhuma compensação financeira ou benefício direto por fazerem parte do estudo. Contudo, benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos permitem a cada participante uma reflexão em torno da questão em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outros casais que estejam vivenciando as mesmas questões. Este termo garante meu comprometimento em manter-me atenta à eventuais desconfortos, bem como em intervir pela minimização destes, caso necessário.

O sigilo em torno da identidade e da privacidade dos participantes também fica garantido por esse termo. As entrevistas serão gravadas e transcritas e as fitas, assim como os arquivos transcritos, permanecerão sob minha responsabilidade durante 5 anos após o encerramento do estudo. A recusa em participar da pesquisa

não implicará em nenhum prejuízo aos candidatos, que poderão também interromper sua participação quando assim o desejarem.

Coloco-me a disposição, após a defesa pública da dissertação, para informar os resultados obtidos. O encontro poderá ser marcado pelos telefones abaixo especificados. Após a defesa, os resultados também ficarão disponíveis na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri da PUC/SP, Campus Monte Alegre, e poderão ser divulgados para fins acadêmicos e científicos. O presente consentimento foi emitido em duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra com os participantes.

Qualquer dúvida referente a questões éticas envolvidas na pesquisa poderão ser sanadas com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP por meio do CAAE 02402412.9.0000.5482 e seguintes contatos:

CEP – Sede Campus Monte Alegre. Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP. 05015-001. Edifício Reitor Bandeira de Mello/sala63C/térreo. Tel/FAX (11) 3670-8466. E-mail:

cometica@pucsp.br

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu, _____,

portador do R.G. _____,

declaro:

Haver compreendido os objetivos da pesquisa “*O Viver na Família Contemporânea: Certezas, Inquietações e Possibilidades*”, inclusive os riscos envolvidos;

Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;

Haver concordado com a gravação em áudio dos procedimentos, com o compromisso do pesquisador de manutenção do sigilo em torno de minha identidade;

Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

Nome do Participante: _____

RG e CPF: _____

Assinatura do Participante: _____

Telefone: E-mail: _____

Endereço: _____

Nome da Pesquisadora: Lucelene Ferreira Barbin

Assinatura da Pesquisadora: _____

RG nº 13636297-7 CPF nº 035436528-26

Tel. 19 98181 6105 – email lbarbin@holnet.com.br

TESTEMUNHAS

Nome: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura: _____

RG e CPF: _____ RG e CPF: _____

São Paulo, ____ de _____ de 2014.

APENDICE 3**APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO PUC/SP**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O Viver na família contemporânea: certezas, inquietações e possibilidades

Pesquisador: Lucelene Ferreira Barbin

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39283814.4.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 936.803

Data da Relatoria: 30/11/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Lucelene Ferreira Barbin, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

A autora informa “(...) Nosso estudo se propõe à problematização e reflexão da família “no contexto da Pós-Modernidade, particularmente no que se refere ao paradigma da intencionalidade – conceituada com a manifestação efetiva da família em relação a intencionalidade – conceituada com a manifestação efetiva da família em relação a si mesma, no sentido de determinar-se (intencionalmente) quando inserida na realidade pluralística e multifacetada da atual realidade. Para tanto, inicialmente trataremos das vicissitudes e idiosincrasias contemporâneas sob uma perspectiva sociológica que analisa o quadro histórico em sua atual estrutura e em suas respectivas conjunturas: a esse respeito, abordaremos algumas questões primordiais, segundo autores como Anthony Giddens e Zygmunt Bauman, tais como o conceito de apropriação reflexiva do conhecimento e a questão da (in)segurança ontológica; a modernidade líquida, as incertezas concentradas na identidade individual, a construção da identidade a partir da tensividade entre “ordem” e “liberdade”; o mal-estar na contemporaneidade. Realizaremos uma pesquisa qualitativa sob a perspectiva da concepção sistêmica novo paradigmática, do ponto de vista da construção da realidade como referencial teórico. A pesquisa será realizada por meio de entrevista semiestruturada, dentro da margem de três a cinco casais de pais – em virtude do critério de saturação - Estes casais deverão ter filhos que estejam pelo menos no ensino fundamental – ou estejam mais avançados nos estudos –, considerados de classe média por indicadores como renda familiar, bens e serviços de que dispõe. Eis a delimitação de nossa proposta, portanto: efetivar um cotejo entre a sociologia e a psicologia no que se refere à família, estudada de um lado baseado em um pano de fundo da realidade na qual está invariavelmente imersa e, de outro lado mediante a própria dinâmica interna dos indivíduos que a compõem. Hoje, mais do que nunca, é preciso refletir em que medida temos a consciência do efeito da conjuntura histórica atual em nossas vidas, no viver em família, e em tudo que vem a reboque destas relações – afetivas, comunicacionais, de valores éticos e morais no contexto pós-moderno.”

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br

Página 01 de 04



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO
PUC/SP



Continuação do Parecer: 936.803

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

Esta pesquisa pretende explorar a construção do sentido da família contemporânea em seu próprio interior a partir do paradigma da intencionalidade: como unidade sistêmica, cada família constrói a si mesma por meio de sua singularidade; o que compreenderemos é se esta particularidade contempla um sentido intencional de si mesma direcionado à sua própria construção. Imergiremos no universo contemporâneo a fim de voltar nossos olhos às possibilidades que se apresentam – ou se impõem – para o viver em família. Neste sentido, nosso trabalho situa-se no limiar entre esferas de conhecimento como a Psicologia, a Sociologia e até mesmo a Filosofia. Pretendemos efetivar uma problematização crítica e reflexiva voltada para a família pós-moderna.

Objetivo Secundário:

Compreender como, singularmente, cada família poderia problematizar-se de acordo com suas necessidades, expectativas, suas vicissitudes e seus planos, na construção e manutenção do significado de família, idealizações, valores, critérios de orientação e conduta, senso de conexões de sentido e comunicação, questões estas que subjazem aos padrões intrafamiliares. Abranger, portanto, a respeito de possibilidades de reflexividade, consciência e intencionalidade acerca da vida familiar em relação à corrente de inquietações e pluralidades que os ventos da sociedade pós-moderna trazem.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO
PUC/SP



Continuação do Parecer: 936.803

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a proposta de pesquisa em tela, possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes e válidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados a contento, conforme orienta a Resolução CNS/MS n° 466/12, os Regimento e Regulamento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP e o Manual Ilustrado da Plataforma Brasil, disponíveis para consulta no site: www.pucsp.br/cometica

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO –
PUC/SP



Continuação do Parecer: 936.803

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO PAULO, 22 de Janeiro de 2015

**Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(Coordenador)**

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br